O SENHOR DOS ANÉIS

ELFOS, MAGOS E HOBBITS INVADEM O SÉCULO 21

SET ESPECIAL

CINEMA - VÍDEO - DVD

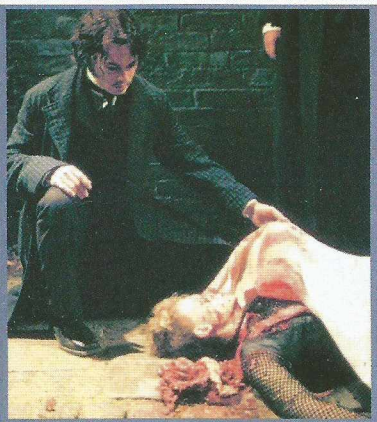
TERROR & FICÇÃO

Janeiro, 2002 - Ed. 3 - R$ 5,50

EDITORA PEIXES

7 898251 590356

www.setonline.com.br



DO INFERNO

JOHNNY DEPP INVESTIGA OS CRIMES SANGRENTOS DE JACK, O ESTRIPADOR

CHARMED

ENTREVISTA COM ALYSSA MILANO, A BRUXINHA CHARMOSA DA TV

O CAVALEIRO DAS TREVAS 2

BATMAN ARREPIA NOS QUADRINHOS

É VERDADE!!

JASON X

É O MELHOR FILME DA SÉRIE SEXTA-FEIRA 13

SET

CINEMA - VÍDEO - DV

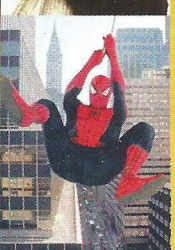
EDITOR PEIXE

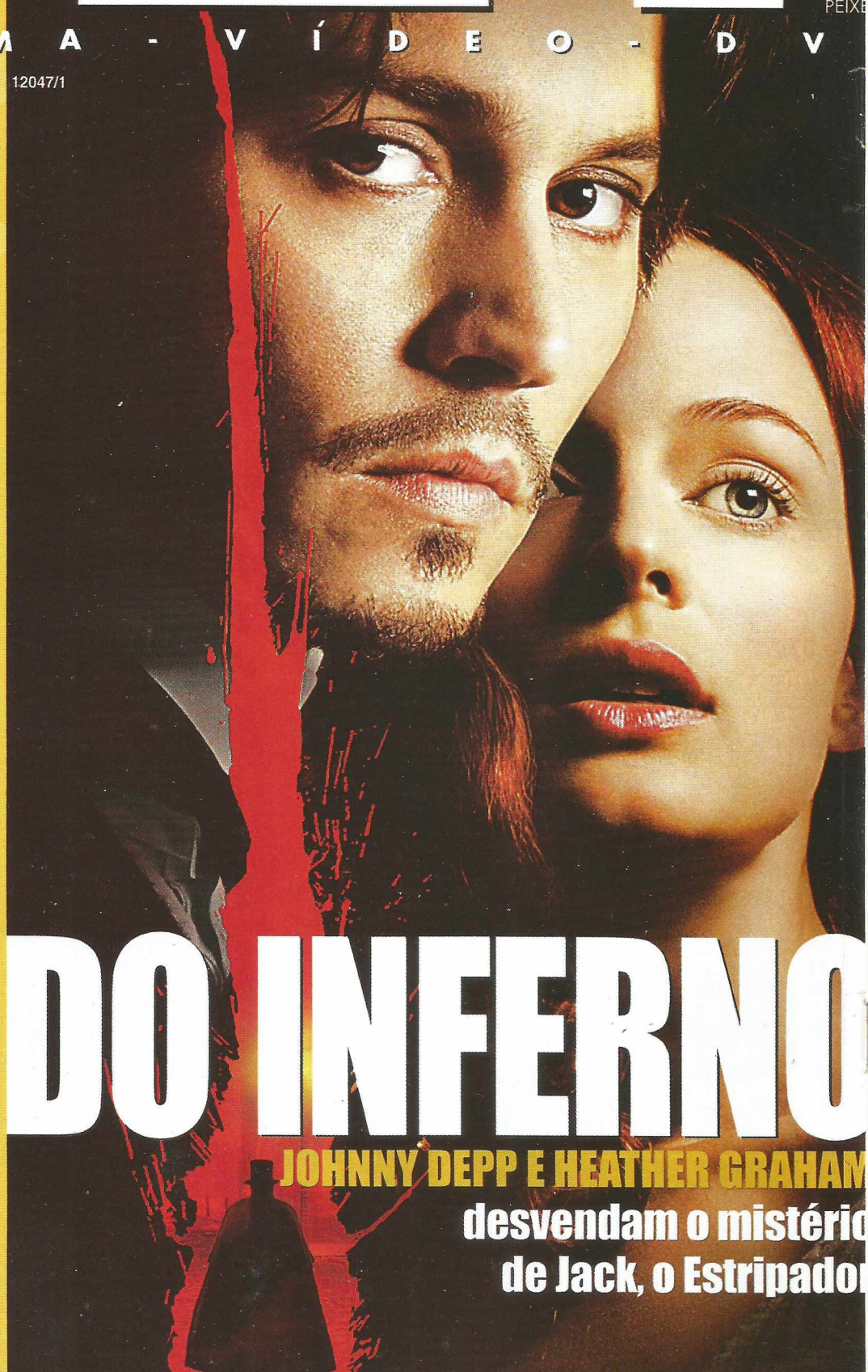
12047/1

preview

2002

Tudo sobre 79 superlançamentos que vão invadir os cinemas neste ano, inclusive STAR WARS: ATAQUE DOS CLONES, HOMEM-ARANHA e HOMENS DE PRETO 2





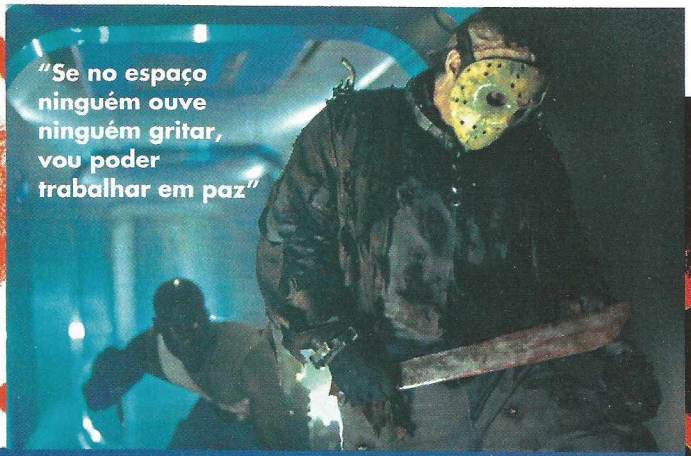
DO INFERNO

JOHNNY DEPP E HEATHER GRAHAM desvendam o mistério de Jack, o Estripador

TUDO SOBRE JACK, O ESTRIPADOR. PARA LER DEVAGAR E POR PARTES.

Revista SET.
Já nas Bancas!

EDITORA
PEIXES
www.setonline.com.br



Nesta ediçao

5 Trailer Preview 2002, Leelee, *Jornada* e outras novidades sobre o mundo mágico da *T&F*

10 Matéria de capa *Jason X* é terror e ficção científica (yeah!) na volta do maior e mais criativo assassino da história

14 Cinema Johnny Depp caça Jack, o Estripador em *Do Inferno*, adaptação da HQ de Alan Moore

22 Ensaio *O Senhor dos Anéis* e o universo criado na esteira da obra de J.R.R. Tolkien

28 Cinema *Fantasmas de Marte* leva você ao planeta vermelho na visão peculiar do mestre John Carpenter

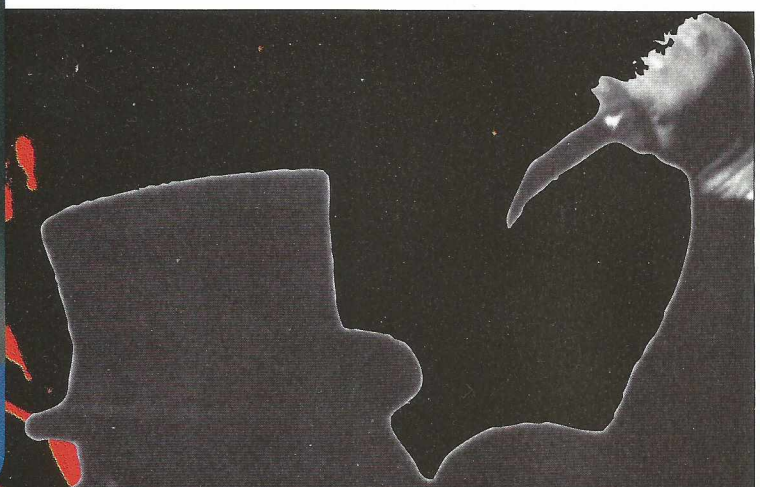
32 Dvd/Video Coleção James Bond, *Sexta-Feira 13 - Parte 2*, *As Brumas de Avalon* e outros lançamentos bacanas

38 TV Alyssa Milano de *Charmed* e os heróis da TV *Smallville* e *Liga da Justiça*

42 HQs Quinze anos depois, Frank Miller reencontra o Batman em *O Cavaleiro das Trevas 2*

45 Música Slipknot, os verdadeiros herdeiros do metal-trash-palhaçada do Kiss, Gwar...

46 Túnel do Tempo Freddy Krueger, o ladrão de sonhos... e pesadelos



Sangue. Quando a gente começou a preparar esta segunda edição de *Terror & Ficção* (da nova fase, óbvio), ela começou a parecer não uma revista, mas um tablóide ao estilo do defunto *Notícias Populares*: se espremesse, saía sangue. Fazer o quê? Nossa capa (por sinal, para lá de adequada ao nosso nome) é *Jason X*, a melhor "aventura" do matador profissional Jason Voorhees da série *Sexta-Feira 13* — e tome sangue. Depois entrou em cena *Do Inferno*, o filme mais bacana que Hollywood já cometeu sobre nosso herói Jack, o Estripador — gargantas cortadas, corpos mutilados e mais sangue. Finalmente, John Carpenter, o cineasta mais fiel a seus princípios (sei...) e do cinemão entregou *Fantasmas de Marte*, com canibais alienígenas, lésbicas, rock pesadaço e — você já sabe - sangue transbordando. Mas nada disso incomoda a gente. O lema aqui na redação de *Terror & Ficção* é "quanto mais quente, vermelho e viscoso, melhor". Contanto que não esteja saindo de nossos pescoços, claro.

Ah, outra coisa. Como você percebeu, esta *Terror & Ficção* não trouxe um DVD encartado. O motivo é simples: desse modo aumentamos o número de páginas da revista, diminuímos o preço e distribuímos para todo o Brasil, de uma só vez. DVDs com a SET agora só na coleção *Cinemateca* — que, não se preocupe, vai trazer também o melhor do terror, e da ficção científica. Viu como somos legais?

Roberto Sadovski

Fotos: Divulgação

EDITORA PEIXES

PRESIDENTE *Angelo Rossi*

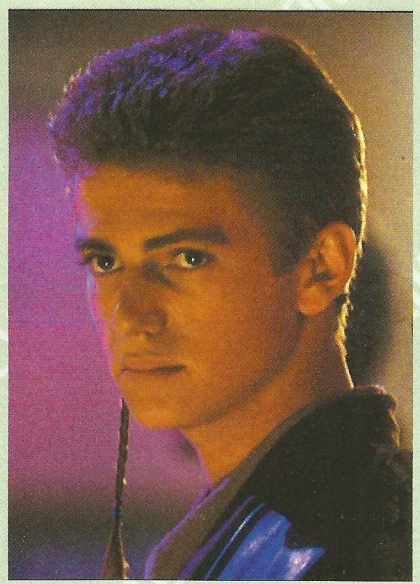
SET ESPECIAL **REDAÇÃO: Editor-Chefe:** *Roberto Sadovski* **Editora de Arte:** *Marcia M. Chicaoka* **Editores:** *Ricardo Matsumoto e Rodrigo Salem* **Colaboraram nesta edição:** *Eduardo Torelli* **(edição)**, *Fernanda Furquim, Juliana Ali, Paulo Maffia, Sidney Gusman* **(texto)**, *Carmen Akemi Fukunari* **(arte)**, *Marisa Ribeiro* **(revisão) Assistente de Redação:** *Yara Mengarelli* **PUBLICIDADE: Gerente de Publicidade:** *Nádia Lappas* **Executivos de Contas:** *Bila Amaral, Marisa Lins, Sérgio Garcia* **Coordenador de Publicidade:** *Anderson Moquiuti* (anderson.moquiuti@edpeixes.com.br) **MARKENTING/CIRCULAÇÃO: Gerente de Assinaturas:** *Orlando Palialol* **Supervisora de Marketing:** *Monique Marie* **Assistente de Marketing:** *Margareth Torres* **Gerente de Circulação:** *Sidnei Lubianco* **Supervisor Comercial:** *Wagner Pinheiro* **Gerente de Vendas Diretas:** *Miguel Abdulack* **ADMINISTRAÇÃO/FINANÇAS: Diretor:** *Carlos Romualdo* **REPRESENTANTES: Brasília:** *Star Marketing* – Tel./Fax (61) 223-0736/314-1502 **Rio Grande do Sul:** *Compágina* – Tel./Fax (51) 3381-9112/9988-5061 **Ribeirão Preto:** *F Campos Consultoria* – Tel./Fax (16) 620-2702 **Santa Catarina:** *By Speranza* – Tel./Fax (48) 232-0519 **Bahia/Sergipe:** *Aura Representações* – Tel./Fax (71) 345-5600/354-7600 **Paraná:** *Equilíbrio Mídia* – Tel./Fax (041) 362-0404 **Representante Internacional:** *Multimedia, INC* – Tel./Fax (001) 407-903-5000 **Rio de Janeiro:** *LB Sarahyba* (021) 3322-4522/3322-8191 (CE/MA/PI/RN/PB) - AG. Holanda (85) 253-4101/254-6045 **Central de Atendimento ao Assinante:**(0xx11) 3038-1477 E-mail: atendimento@teletarget.com.br ***IMPRESSÃO: Globo Cochrane - Vinhedo***

SET ESPECIAL Terror & Ficção, Edição 3, janeiro de 2002, é uma publicação da Editora Peixes Ltda. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Helena, 260, 4º andar, Vila Olímpia, São Paulo/SP, CEP 04552-050, tel.: (11) 3049-3149. **Publicidade:** tels.: (11) 3049-3159/3049-3162/3049-3160. **Distribuição:** SET é distribuída com exclusividade no país pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações.

UOL www.setonline.com.br ANER

PREVIEW 2002

Este será um ano de fortes emoções: Anakin Skywalker empunhará o sabre de luz pela primeira vez, o Homem-Aranha lançará sua teia sobre Nova York e Tom Cruise será acusado de um crime que ainda não cometeu. Tudo isso e muito mais, em um cinema perto de você...

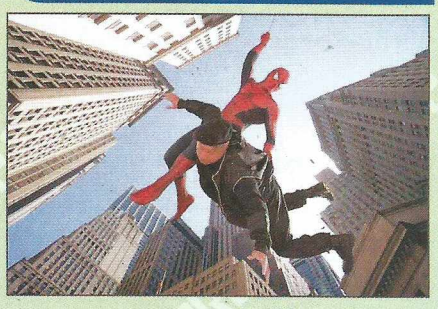


Star Wars – Episódio 2: Ataque dos Clones

Um atentado à vida da Rainha Amidala será o estopim das chamadas "guerras clônicas", mencionadas pela primeira vez em *Episódio 4 – Uma Nova Esperança*, de 1977 (o *Guerra nas Estrelas* original, claro). Dez anos após os eventos de *A Ameaça Fantasma*, Anakin Skywalker (o novato Hayden Christensen) está mais maduro – e Obi-Wan Kenobi não é mais aprendiz, e sim um mestre Jedi no auge da força e do poder. Haverá, também, a participação de Christopher Lee (o Drácula dos Estúdios Hammer) e o surgimento de Jango Fett, "pai" do mercenário Bobba Fett. Quer mais?

DE: GEORGE LUCAS (*STAR WARS – EPISÓDIO IV – UMA NOVA ESPERANÇA* E *STAR WARS – EPISÓDIO I – A AMEAÇA FANTASMA*) COM: EWAN MCGREGOR, NATALIE PORTMAN E HAYDEN CHRISTENSEN.

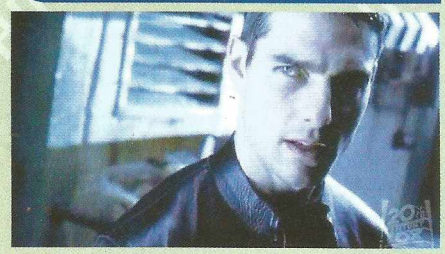
Homem-Aranha



Versão cinematográfica milionária das aventuras do Homem-Aranha, o mais "humano" super-herói da Marvel. Se o filme corresponder à excitação do trailer, pode ser a melhor adaptação de uma história em quadrinhos para o cinema desde sempre – o que não é pouca coisa. Esqueça as armaduras à RoboCop: este Cabeça-de-Teia veste-se exatamente como nos gibis (exceto por alguns frisos de aço no uniforme). E Willen Dafoe está assustador como o vilão Duende Verde.

DE: SAM RAIMI (*A MORTE DO DEMÔNIO* E *DARKMAN – VINGANÇA SEM ROSTO*) COM: TOBEY MAGUIRE, WILLEN DAFOE E KIRSTEN DUNST.

Minority Report



Em um futuro próximo, a polícia é capaz de descobrir crimes antes que estes sejam cometidos. O sistema mostra-se ultra-eficaz até o dia em que o tira John Anderton (Tom Cruise) é acusado de um futuro delito, pre-cisando provar sua inocência. O filme é baseado em história de Phillip K. Dick, um dos papas da ficção científica literária, também autor do livro que inspirou *Blade Runner – O Caçador de Andróides*.

DE: STEVEN SPIELBERG (*E.T. – O EXTRATERRESTRE*, MAS VOCÊ JÁ SABIA DISSO...) COM: TOM CRUISE E COLIN FARRELL.

Rollerball

Remake do mini clássico da ficção científica dirigido por Norman Jewison nos anos 70. Quem assina esta "reimaginação" da saga dos gladiadores futuristas é John McTiernan, que provou suas aptidões como realizador de filmes de ação em *Duro de Matar* e *A Caçada ao Outubro Vermelho*. Pelo que foi revelado da produção até agora, o visual lembrará muito o do filme original. O novo *Rollerball* também contará com a participação da gostosíssima Rebecca Romijn-Stamos (a Mística de *X-Men*) – vai perder?

DE: JOHN MCTIERNAN (*PREDADOR* E *DURO DE MATAR*) COM: CHRIS KLEIN E JEAN RENO.

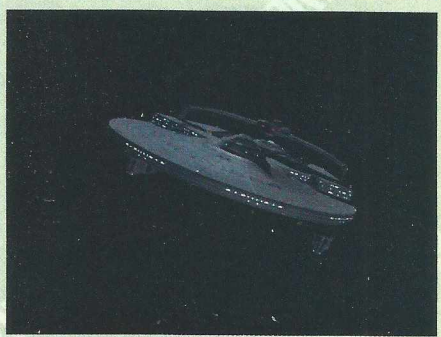
Fotos: Divulgação

Blade 2

Continuação do legal *Blade*, filme de 1998 que levou para a telona o herói criado por Marv Wolfman e Gene Colan da extinta HQ A *Tumba de Drácula*. Wesley Snipes retorna ao papel do herói – que, desta vez, unirá forças com outros sanguessugas para combater nova e letal espécie de vampiro (que ameaça a prosperidade dos humanos e dos mortos-vivos).

DE: GUILLERMO DEL TORO (*MUTAÇÃO* E *A ESPINHA DO DIABO*)
COM: WESLEY SNIPES E KRIS KRISTOFFERSON.

Star Trek: Nemesis



Depois do fracasso de *Jornada nas Estrelas: Insurreição*, a Paramount injetou sangue novo na série: convocou o roteirista John Logan (*Gladiador*) para escrever a história e entregou a direção a Stuart Baird, surpreendendo os que acreditavam que Jonathan Frakes assinaria outro filme da série. Os vilões da nova aventura serão rebeldes romulanos (favoritos dos fãs), comandados pelo escravo Shinzon, que roubam uma nave de guerra poderosíssima, a Scimitar. De posse dessa arma, decidem ir à Terra e destruir a Federação – e cabe à tripulação da Enterprise salvar a pátria.

DIREÇÃO: STUART BAIRD (*MOMENTO CRÍTICO*)
COM: PATRICK STEWART E JONATHAN FRAKES.

Homens de Preto 2

A nova aventura dos agentes Jay (Will Smith) e Kay (Tommy Lee Jones) – que havia se aposentado na conclusão do filme anterior, e que terá sua memória restaurada por Jay –, tiras especializados em investigar atividades alienígenas ilegais no planeta Terra.

DE: BARRY SONNENFELD (*A FAMÍLIA ADDAMS* E *HOMENS DE PRETO*)
COM: WILL SMITH, TOMMY LEE JONES E RIP TORN.

Resident Evil

Este aqui promete! Milla Jovovich é a última esperança da humanidade, ameaçada por vírus contagioso e apocalíptico. Para impedir que o mal se alastre, a beldade tranca-se em um laboratório e combate um supercomputador e dezenas de cientistas transformados em monstros canibais. E isso tudo acontece antes da metade do filme! Inspirado em um videogame de mesmo nome, *Resident Evil* é dirigido por um especialista no gênero: Paul Anderson (de *Mortal Kombat*). Se o diretor estiver em seus melhores dias, promete ser um cruzamento de *Tomb Rider* com *A Noite dos Mortos-Vivos*.

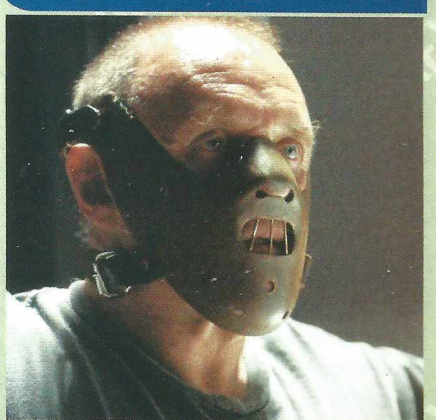
DE: PAUL ANDERSON (*O ENIGMA DO HORIZONTE*)
COM: MILLA JOVOVICH E MICHELLE RODRIGUEZ

A Máquina do Tempo

Segunda adaptação do livro homônimo de H.G. Wells para o cinema. A história, anteriormente rodada por George Pal em 1960, ganhou um *upgrade* em efeitos especiais. Cientista projeta um veículo capaz de se deslocar no tempo e viaja ao ano 802.701, encontrando a Terra dominada por duas espécies antagônicas: os pacíficos Elois e os canibais Morlocks.

DE: GREGOR VERBINSKI (*THE RING*) E SIMON WELLS (*O PRÍNCIPE DO EGITO*) COM: GUY PIERCE E JEREMY IRONS.

Red Dragon

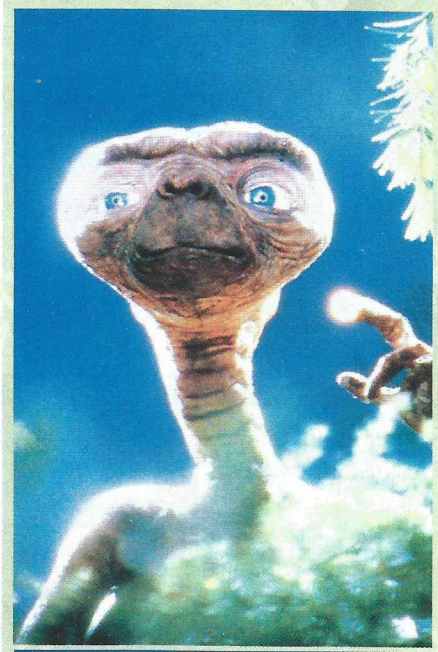


Prequel de *O Silêncio dos Inocentes*, esta é uma refilmagem de *Manhunter* (1986), primeira adaptação da obra de Thomas Harris para o cinema. Na história, o agente do FBI Will Graham (Edward Norton) pede ajuda a Han-

Fotos: Divulgação

nibal Lecter para rastrear os passos de um perigoso serial killer. Fazendo jogo-duplo, o canibal também fornece informações sobre Graham ao assassino. O maior desafio da produção será o de fazer Anthony Hopkins parecer mais jovem do que em *O Silêncio dos Inocentes*, realizado há mais de dez anos.

DE: BRETT RATNER (*A HORA DO RUSH*)
COM: ANTHONY HOPKINS E EDWARD NORTON.



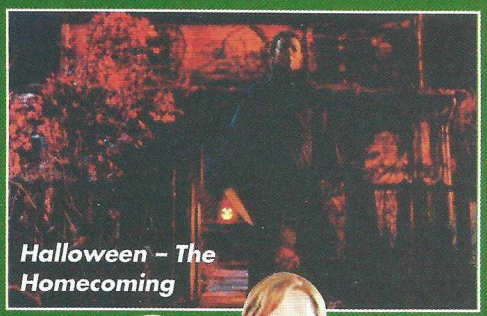
E.T. – O Extraterrestre (relançamento)

Em 1982, um monstrinho boa-praça cativou o público com a frase "E.T. phone home" ("ET-telefonar-casa!"), e consolidou um tal Steven Spielberg como o senhor absoluto dos filmes-pipoca. Vinte anos depois, o alienígena de olhos esbugalhados e indicador luminoso regressa à tela grande, adaptado aos novos tempos e com uma atitude mais pacifista: quando o filme reestrear, todas as armas de fogo utilizadas pelos agentes do governo na célebre cena final da aventura já terão sido apagadas digitalmente por Spielberg. Os efeitos de CGI também garantirão movimentos realistas ao personagem. Prepare o lenço, pois esse assumido dramalhão cósmico ficará ainda mais... bem, *dramático*.

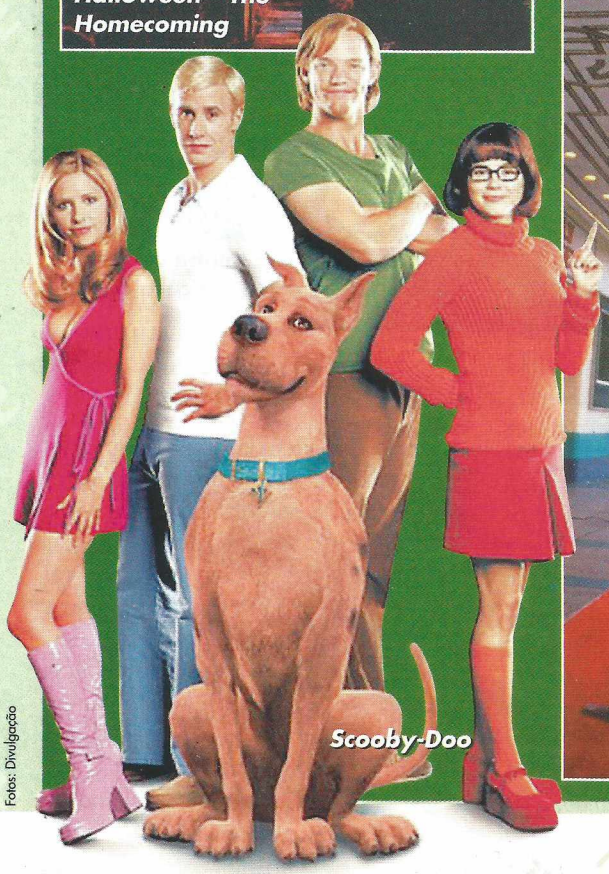
DE: STEVEN SPIELBERG COM: DEE WALLACE E PETER COYOTE.

E MAIS...

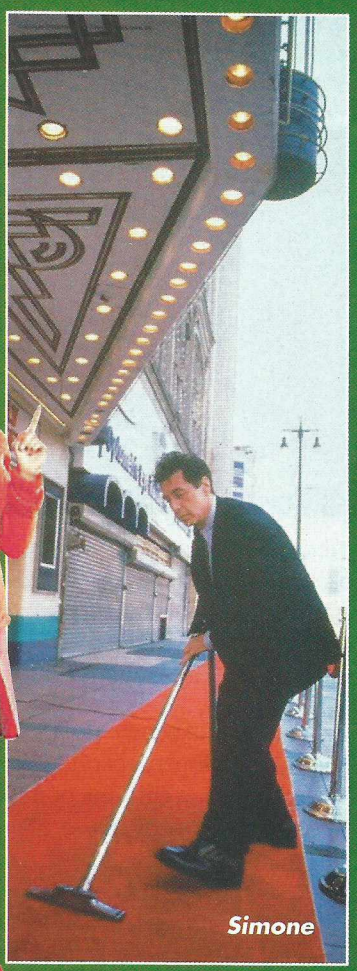
• Michael Myers regressa a Haddonfield (outra vez!) em *Halloween – The Homecoming*, com Jamie Lee Curtis e Busta Rhymes • Aranhas gigantes chegam para o jantar em *Eight Legged Freaks* – talvez, uma das grandes surpresas do ano • *Psicopata Americano* ganha continuação ambientada quinze anos após os eventos do filme original e estrelada por Mila Kunis e William Shatner (*Jornada nas Estrelas*) • Salsicha, Fred, Daphne, Velma e um cachorrão medroso a bordo de um furgão psicodélico invadem os cinemas em *Scooby-Doo* • Pinhead (Doug Bradley) volta à ativa em *Hellraiser: Hellseeker*, quinto capítulo da sangrenta série • Dragões invadem a Terra em *Reign of Fire*, aventura dirigida por Rob Bowman (de *Arquivo X – o Filme*) • Andrew Niccol (*Gattaca* e *O Show de Truman*) leva a discussão sobre a substituição de atores por réplicas digitais às últimas conseqüências em *Simone*, filme no qual uma estrela artificial é criada por um diretor de cinema (Al Pacino), tornando-se uma sensação do *show biz* • M. Night Shyamalan (*O Sexto Sentido*) volta à carga com o suspense *Signs*, estrelado por Mel Gibson • David Cronenberg propõe um bizarro estudo sobre a esquizofrenia em *Spider* • Acontecimentos estranhos agitam a rotina de um navio durante a Segunda Guerra Mundial em *Below* • James Bond salva o mundo mais uma vez em *Beyond the Ice* • O jovem bruxo mais amado do planeta volta a Hogwarts em *Harry Potter e a Câmara dos Segredos* • E a saga *O Senhor dos Anéis* ganha seu segundo episódio, *As Duas Torres* ■



Halloween – The Homecoming



Scooby-Doo

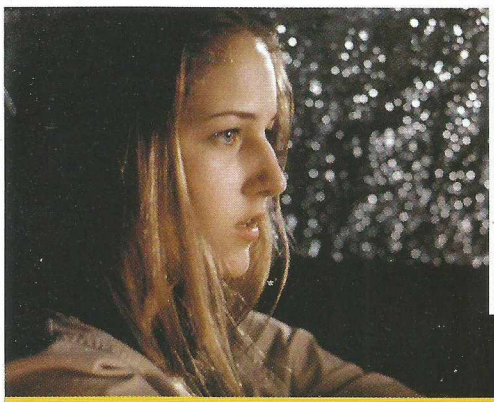


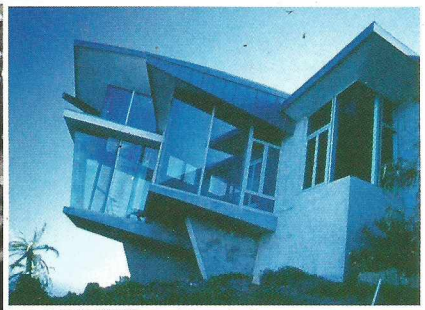
Simone

Fotos: Divulgação

OU VAI, OU RACHA

2002 poderá ser o proverbial "ano da virada" para Arnold Schwarzenegger, que ainda não encontrou o caminho de volta à luz após o catatônico desempenho de asneiras como *O Sexto Dia* nas bilheterias. Além de estrelar *Efeito Colateral* – cuja estréia, originalmente marcada para 2001, foi jogada para este ano devido ao atentado contra o World Trade Center no último mês de setembro (a trama do filme também versa sobre um ataque terrorista), o grandalhão já confirmou presença em *O Exterminador do Futuro 3 – A Ascensão das Máquinas*, produção que teve o maior orçamento aprovado da história: 180 milhões de dólares (30 para o bolso do astro). Dirigido por Jonathan Mostow (*U-571*), *T3* mostra o revolucionário John Connor (papel que pode ficar com Edward Norton) às voltas com máquinas assassinas (duh...). Data de lançamento nos EUA: 4 de julho de 2003.





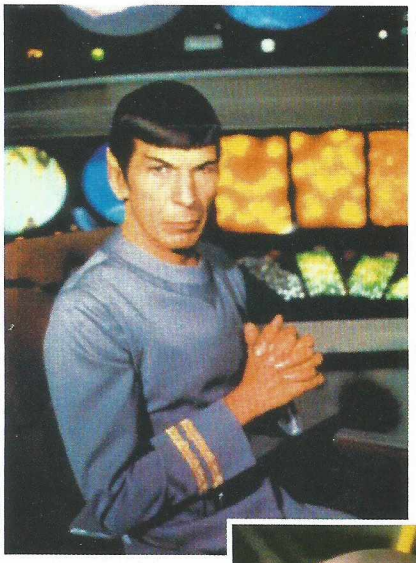
Cadê minha carreira?: Leelee e a casa de vidro

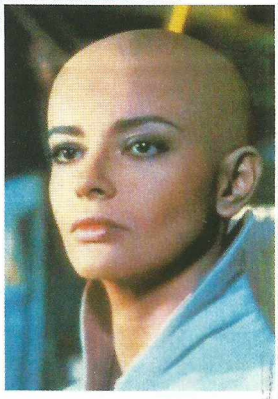
Donzela em Perigo

Os fãs do terror trash estão rindo à toa com o regresso do bom e velho Jason à telona, já que *Jason X* encabeça os lançamentos do gênero do ano. Mas a rapaziada que dispensa banhos de sangue não precisa entrar em pânico: *A Casa de Vidro* não tem tanto sangue, mas é tão ruim quanto as antigas aventuras de Jason. O filme é estrelado pela loirinha Leelee Sobieski, que depois de participar de produções "classe A" como *De Olhos Bem Fechados* e *Impacto Profundo*, e de ter sido considerada uma das grandes promessas de sua geração, veio parar nesta vala. Neste thriller, Leelee perde os pais em circunstâncias trágicas (oohh...) e, junto com o irmão, vai morar com esquisitos tutores. As coisas se complicam quando os órfãos descobrem que sua nova família está falida e, o que é pior, disposta a tudo para se apropriar da grana que eles herdaram. Dá pra levar uns sustos. E olhe lá.

Juliana Ali

JORNADA NAS ESTRELAS, o filme de cara nova





Há muito tempo, na distante galáxia de 1979, *Jornada nas Estrelas – O Filme* estreou nos cinemas para... decepção dos trekkers e do próprio diretor, Robert Wise, que sempre reclamaram do andamento do filme e de como este parecia incompleto. *Parecia*, pois o primeiro capítulo da cinessérie passou por uma remontagem feita pelo próprio Wise, ganhou novos efeitos especiais e remasterização digital de som e imagem. O resultado, que mudou a cara do filme, pode ser conferido em um DVD duplo, recentemente lançado pela Paramount (infelizmente, inédito no Brasil). Entre os extras, destacam-se o comentário do veterano diretor de *A Noviça Rebelde*; cenas cortadas e outras exibidas apenas na versão televisiva; e três documentários, um deles com a participação de Jeffrey Katzenberg, homem forte na animação da DreamWorks – que, então, era apenas o executivo encarregado da produção. Um DVD Warp 10!

André Gordirro

O Filme Que Mudou Minha Vida ...

Sangue de Pantera

O especialista em terror Rubens F. Lucchetti relembra a obra-prima de Val Lewton que arrepiou com uma estratégia simples: jamais subestimar o poder da sugestão

Val Lewton é a essência do cinema de horror. Recordando-me das cenas de seus filmes, não encontro paralelo na história do cinema. Outros produtores tentaram imitá-lo, mas não conseguiram. Cada vez me convenço mais de que ele é o Edgar Allan Poe do cinema, pois foi quem melhor soube retratar o medo nas telas.

Toda a obra de Val Lewton marcou minha vida. Mas foi *Sangue de Pantera* (*Cat People*), produzido em 1942 para a RKO, que realmente me ocasionou o primeiro espanto. Isso aconteceu por volta de 1948, quando vi a fita pela primeira vez e percebi o quanto eram banais os filmes de terror que havia assistido até então.

Sons e sombras: *Sangue de Pantera* abusou do terror sugerido, e não mostrado, gravando seu nome na história do cinema

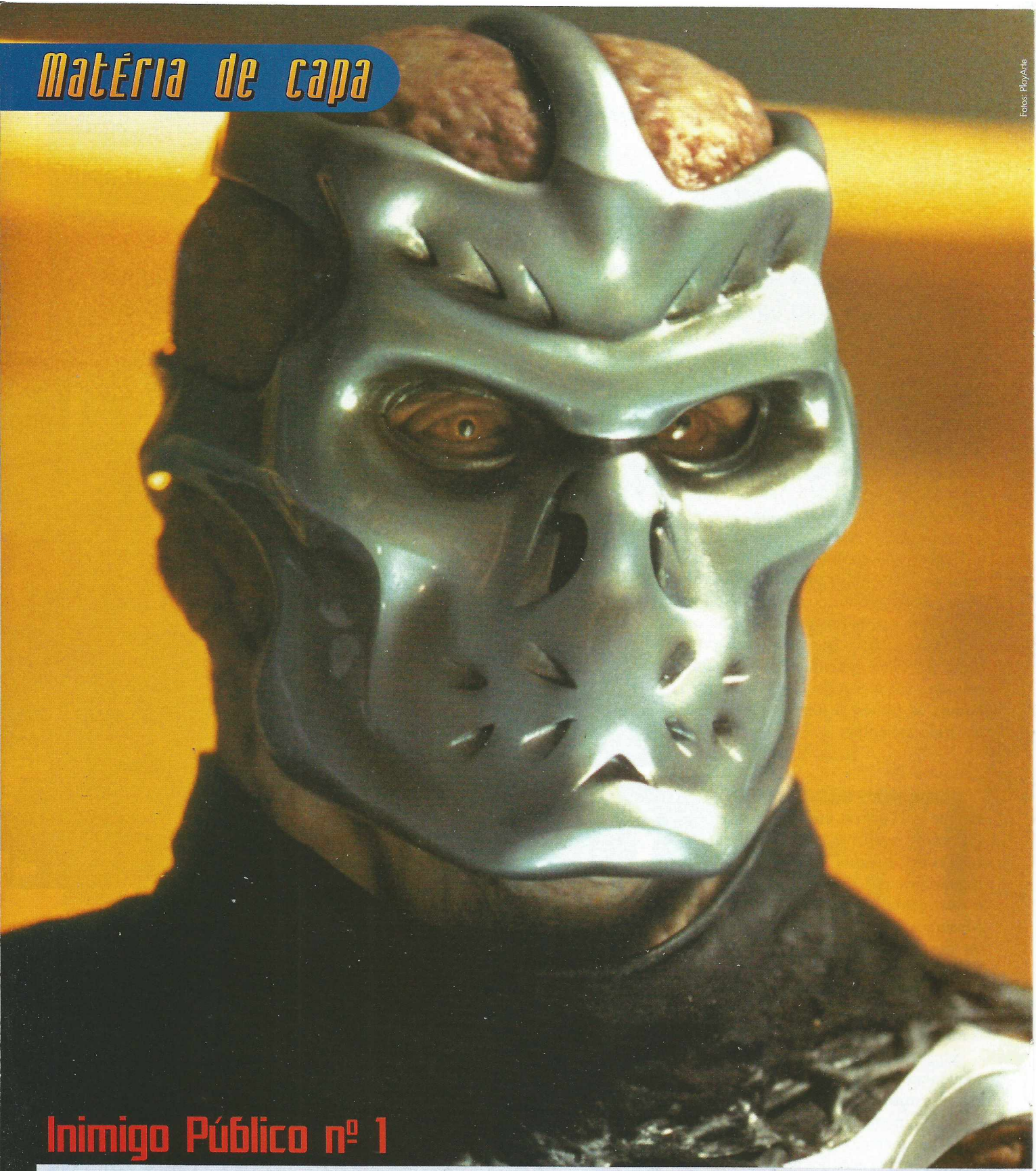
Mulheres felinas

Obedecendo à lógica das outras fitas de Val Lewton, em *Sangue de Pantera* o horror é muito mais sugerido do que mostrado. Roteirizado por DeWitt Bodeen e fotografado por Nicholas Musuraca, o filme conta a história da desenhista de moda Irena Dubrovna (Simone Simon), descendente de antiga raça de mulheres-felinas que, quando excitadas, transformam-se em panteras.

Sangue de Pantera tem inúmeras seqüências dignas de figurar na mais rigorosa antologia do cinema de terror – ou do cinema em geral. Há, porém, uma que merece ser destacada: a da piscina, com os ecos dos gritos de Alice (Jane Randolph) se assemelhando ou se confundindo com os urros da fera, que jamais é vista – e cuja sombra, deslizando indistintamente na água da piscina agitada pela vítima e pânico, pode tanto ser a sombra de uma pantera como a de uma mulher. A seqüência é de uma simplicidade espantosa, uma vez que é feita somente por sons e sombras.

E *Sangue de Pantera* continua tão atual como na época em que foi realizado. Isso porque é uma obra-prima, e toda obra-prima é atemporal. Ah, sim, já ia me esquecendo! *Sangue de Pantera* foi dirigido por Jacques Tourneur...

Rubens Francisco Lucchetti é autor do livro *No Reino do Terror* (Editora Opera Graphica) e um dos maiores experts em cinema fantástico nascidos abaixo da linha do Equador. Entre outras atividades insuspeitas no reino das trevas, escreveu roteiros para os filmes de José Mojica Marins (*aka:* Zé do Caixão) e diversas HQs de Terror. Atualmente, prepara o lançamento dos livros *O Cinema de R. F. Lucchetti* e *O Filho de Satã* (a primeira Graphic Novel da história, finalizada em 1971 – cinco anos, portanto, antes de Will Eisner lançar *Um Contrato com Deus*)



Fotos: PlayArte

Inimigo Público nº 1

Nome: Jason Voorhees
Data de nascimento: 13 de junho de 1946 (uma sexta-feira!)
Signo zodiacal: gêmeos
Sexo: masculino
Olhos: castanhos (mais ou menos...)
Sinais particulares: usa uma máscara de hóquei e tem cicatrizes espalhadas por todo o corpo (marcas de balas, facadas, machadadas...).

Modus operandi: escolhe suas vítimas pela idade (tem predileção por adolescentes); desde a década de 80, age nas proximidades de Crystal Lake, no Condado de Wessex (EUA), mas também foi avistado em Nova York e, recentemente, em uma nave espacial.
Histórico: nascido em 1946, filho de Pamela Sue e Elias Voorhees, Jason foi dado como morto em 1957, quando se afogou em Crystal Lake. É possível que tenha desenvolvido habilidades

DE VOLTA PARA O FUTURO

Jason Voorhees contra-ataca em Jason X, décimo capítulo da série Sexta-Feira 13 que troca o terror gore pela ficção científica e reinventa o monstro trash para as novas gerações

Antes de tudo, um rápido esclarecimento: *Jason X* não é o nome de um vídeo erótico inspirado na série *Sexta-Feira 13*, mas o título do mais recente filme da própria série *Sexta-Feira 13*, dada como morta há alguns anos. Muitos críticos de cinema arrancarão os cabelos com a notícia, mas os fãs inveterados do bom e velho terror tosqueira da década de 80 a aplaudirão de pé: Jason Voorhees acaba de ressuscitar! Outra vez! Agora, em pleno século 25!!

Como? Bem, parafraseando o próprio Jason, pouco antes de picotar um cadáver, vamos por partes: já nos primeiros frames de *Jason X*, ficamos sabendo que, depois de bater as botas em *Jason Vai para o Inferno – A Última Sexta-Feira* (1993), o corpo semi-decomposto do infame personagem ficou sob a custódia de um laboratório de pesquisas. Porém, um grupo de militares inconseqüentes – sempre eles! – tenta acordar Jason do estado de coma em que este se acha mergulhado, com o cretino propósito de estudar "a fundo" sua notável capacidade de regeneração genética.

Após trucidar todos os atores e extras da primeira cena, Jason é trancado em uma câmera criogênica e dorme como bebê durante séculos – até ser encontrado por cientistas do futuro (uma época em que a Terra se tornou inabitável, o que levou a humanidade a se mudar para outro planeta). Já que não assistiram aos outros filmes, os pesquisadores incorrem na besteira de levar o picolé humano para uma nave espacial repleta de adolescentes hiperativos e ▸▸

homicidas por influência da mãe, que trucidou adolescentes em 1979. Da década de 80 para cá, passou a fazer suas próprias vítimas. Foi morto (desta vez, definitivamente – ou assim se pensava...) em 1993. Seu corpo foi congelado em 2010, reencontrado no século 25 e inadvertidamente reanimado. O que acontecerá daqui para frente, só Deus sabe...

Situação jurídica: se fosse condenado pela Justiça americana por todos os crimes que cometeu (e olhe que foram muitos!), Jason, mesmo beneficiado por um descriminante de insanidade, seria condenado à prisão perpétua. No entanto, se morasse no Brasil, pegaria só trinta anos de cana, apareceria em programas dominicais e, com um pouco de sorte, seria convidado a se juntar ao PCC (Primeiro Comando da Capital, organização criminosa que manda nos presídios de São Paulo). Crystal Lake é aqui, gente!

Quem agüenta os monstros mais arrozes-de-festa do cinema?

A torcida grita "chega, chega!", mas eles não estão nem aí, morte após morte, linchamento após linchamento, alguns monstros continuam voltando, fazendo valer a Lei nº 1 de Hollywood: se o filme original deu dinheiro, uma continuação nunca é o bastante.

Fotos: Divulgação

O Monstro de Frankenstein: o campeão dos campeões. Frank – o monstro, não o cientista – foi torrado em um moinho em chamas, atirado em lava vulcânica, congelado e sofreu transplantes de cérebro, mas não perdeu a fé na vida. Estrelou mais de cem filmes – em vários idiomas – e continua na ativa. Em 1994 foi interpretado por Robert De Niro, em *Frankenstein de Mary Shelley*. Morram de inveja, Jason e Freddy!

Conde Drácula: pelo menos, o famoso sanguessuga tem uma justificativa para tantas ressurreições – ele já estava morto antes de sair por aí mordendo pescoços (aah, bom..!). Assim como o Monstro de Frankenstein, o Rei dos Vampiros estrelou uma centena de filmes – inclusive *Drácula 2000*. Será que o veterano resiste a esse golpe?

Jason Voorhees: olha o chato aí, de novo! Não contente com tudo o que já aprontou, o psicopata longa-vida prepara-se para uma nova carreira de crimes no século 25 – melhor, mais forte, mais rápido...

Freddy Krueger: este pendurou as chuteiras depois de sete filmes (e dizem que foi o bastante!). Mas, tratando-se de monstro americano, a gente nunca sabe. Não se surpreenda se ele voltar a envergar o chapéu de Indiana Jones, a camisa do Flamengo e as luvas com garras de metal. Até porque, o projeto de *Freddy vs. Jason* continua vivo – na melhor tradição de seus persistentes protagonistas.

Fotos: PlayArte

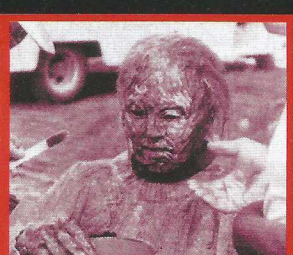
Fronteira Final?: Jason continua um sujeito amigável mesmo no espaço

tão tapados quanto aqueles que insistiam em acampar em Crystal Lake, mesmo sabendo que Jason estava à solta na região. A partir desse ponto, a aventura transforma-se em uma versão *splatter* e muito engraçada de *Alien – O Oitavo Passageiro* – e o público mata a saudade de um tempo em que os monstros do cinema não eram frouxos como os de hoje.

Brincadeira de mau-gosto

"Humor" é a palavra-chave neste filme. Felizmente, os produtores sacaram que um revival das aventuras de Jason só se justificaria na base da risada. É por isso que, apesar dos climas de suspense e da extrema violência, *Jason X* usa e abusa da ironia. A trama, em si, é uma paródia macabra dos próprios maneirismos da série (iniciada em 1979), que há tempos já esgotou o seu potencial, mas que – gostem ou não os cinéfilos mais conservadores –, permanece uma referência na história do gênero. E se você não acredita que *Sexta-Feira 13* possa ser considerada uma referência para *qualquer coisa*, é porque talvez não tenha se tocado de que esta é a segunda franquia mais duradoura do cinema, depois da saga do agente 007. Dizem que há um tênue limite entre a genialidade e a loucura. No que diz respeito aos filmes de apelo popular, o limite entre o "muito bom" e o "muito ruim" deve ser igualmente tênue – do contrário, Jason não teria retornado da tumba tantas vezes, sempre com a total aprovação do público (pelo menos, de boa parte dele).

O que diferencia o novo Jason dos demais (que eram ruins porque, no fundo, pretendiam-se filmes de horror *de verdade*) é que este aqui não passa de uma



Artista incompreendido: as várias faces de Jason Voorhees, da infância terna (1

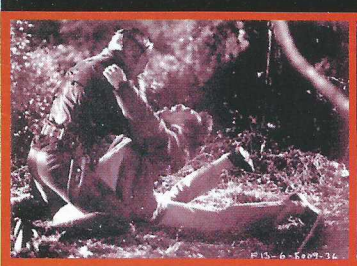
Sexta-Feira 13 em números

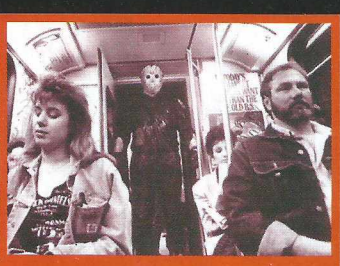
As cotações abaixo, apesar de raramente ultrapassarem 7 (exceto nos quesitos "humor involuntário" e "sangue derramado"), valem de 0 a 10. O problema é que esses filmes eram realmente de lascar...

	Enredo	Interpretações	Produção	Sangue derramado	Humor involuntário	Conclusão
Sexta-Feira 13	5	3	5	8	2	"A culpada era a mãe"
Sexta-Feira 13 – Parte 2	4	4	5	9	2	"Deviam ter parado aqui"
Sexta-Feira 13 – Parte 3	2	1	2	7	7	"Picaretagem em 3D"
Sexta-Feira 13 – O Capítulo Final	3	2	2	9	5	"Machadadas a granel e Corey Feldman em começo de carreira"
Sexta-Feira 13 – Um Novo Começo	2	2	4	7	6	"Ei..! Jason não aparece neste aqui! Recuse imitações!"
Sexta-Feira 13 – Jason Vive	1	2	2	8	9	"Jason redivivo"
Sexta-Feira 13 – A Matança Continua	1	1	2	8	6	"Enredo sem inspiração faz de Jason um bobão"
Sexta-Feira 13 – Jason Ataca em Nova York	3	2	2	9	9	"Jason descasca a grande maçã"
Jason Vai para o Inferno – A Última Sexta-Feira	4	3	5	6	9	"E a gente acreditou que era a última!"

brincadeira de mau gosto – e é melhor que seja assim. Um Jason que usa máscara de aço inoxidável e armadura igual à do Batman? Estas pequenas mudanças, sem mencionar o hilariante grand-finale, arquitetado para levar o público às gargalhadas, comprovam que o que antes era humor involuntário se converteu em estilo – estratégia que, diga-se de passagem, permitiu aos roteiristas escracharem não só a ultrajante figura do protagonista, como outros ícones do cinema-pipoca da atualidade (sobram machadadas até para o superestimado *Matrix*, cujos pulinhos digitais são implacavelmente demolidos na cena em que o monstro leva um pau de uma guerreira cibernética). Este é o Jason que nós amamos: violento, imbatível e sem medo de se assumir trash.

Eduardo Torelli





) e a mãe protetora (2), exercitando sua arte (3, 4) e fazendo amigos (5,6)

Você sabia que...

- Jason não foi idealizado como protagonista de uma série? Sua rápida aparição no desfecho do primeiro *Sexta-Feira 13* era uma jogada dos produtores, que queriam dar um último susto na platéia após a morte da vilã Pamela Voorhees.
- Sean Cunningham, diretor do original, considera as continuações horrorosas?
- Kevin Bacon faz uma pontinha no primeiro filme, como um dos adolescentes assassinados por Pamela Voorhees?
- Sete atores viveram o maníaco? São eles Ari Lehman (no original), Warrington Gillette (Parte 2), Richard Brooker (Parte 3), Ted White (Parte 4), C.J. Graham (Parte 6) e Kane Hodder (o resto).

Incisão

Do Inferno *mergulha Johnny Depp no mundo sangrento de Jack, o Estripador segundo a visão detalhista e violenta da HQ de Alan Moore*

Por Roberto Sadovski

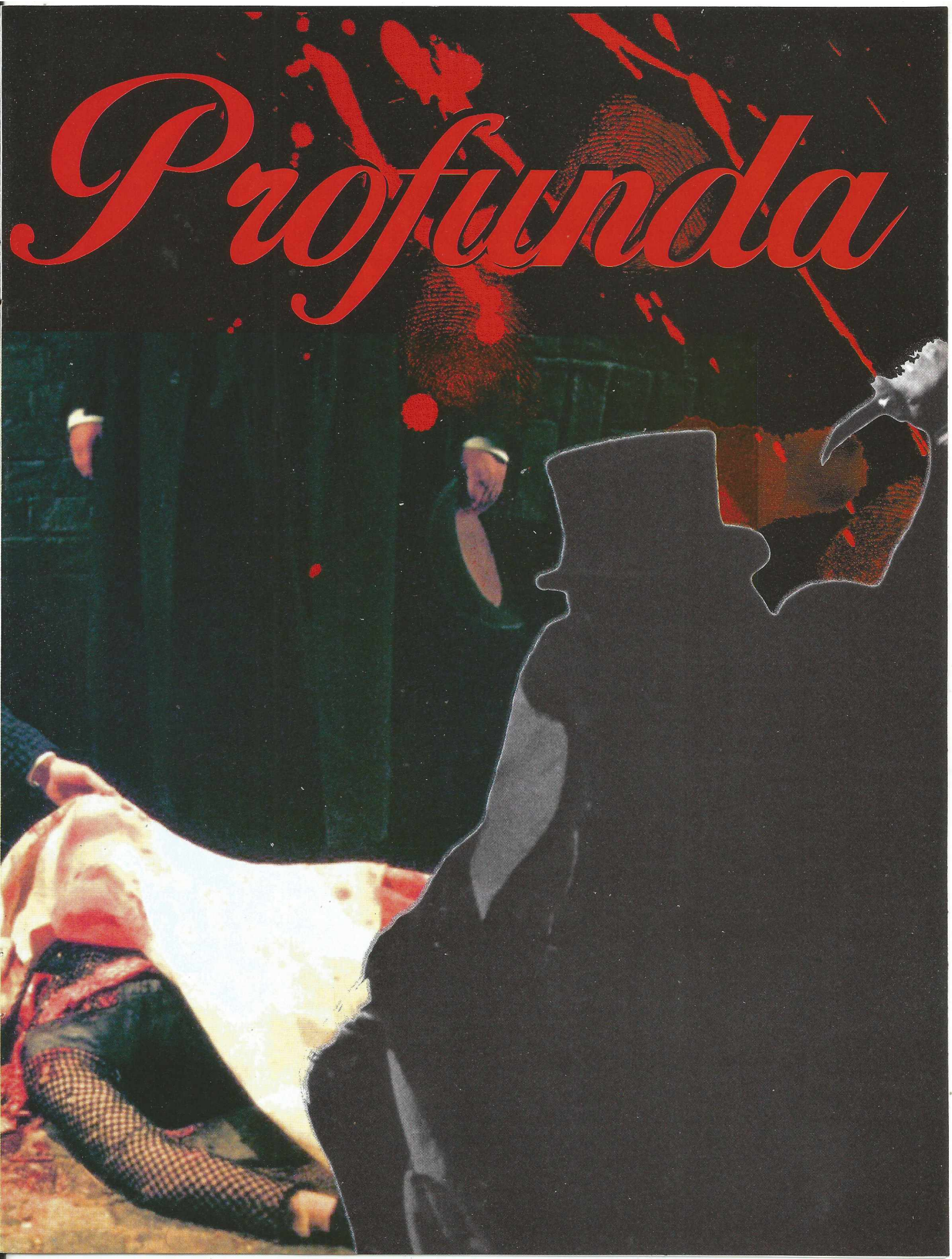
Fotos: Fox

A faca corta a garganta com a suavidade de uma lâmina quente em manteiga. A pele é rasgada e o sangue jorra no instrumento afiado do assassino. Ok, ok, não precisa ser tão pomposo assim, mas essa é uma descrição rasteira da cena que deu mais trabalho aos irmãos Allen e Albert Hughes em sua adaptação de *Do Inferno*, série em quadrinhos de Alan Moore e Eddie Campbell que tenta jogar uma luz no mistério da identidade de Jack, o Estripador.

A tal cena, porém, não era complicada por causa de algum efeito especial. Ou pelo apego aos detalhes dos irmãos diretores. Nem mesmo devido a uma posição de câmera complicada. Não, o que tirou a paciência dos Hughes foi a exigência da MPAA, órgão que rege a censura no cinema americano, em diminuir – quando não eliminar – a garganta rasgada. "Todo filme que a gente fez tivemos de aturar essa mesma merda", confessa Allen Hughes. "É nojento. Em O *Resgate do Soldado Ryan* existem centenas de corpos não com gargantas abertas, mas sem cérebro, membros arrebentados e cavidades torácicas abertas. Mas ninguém encana com o Spielberg, só com peixe pequeno, como a gente."

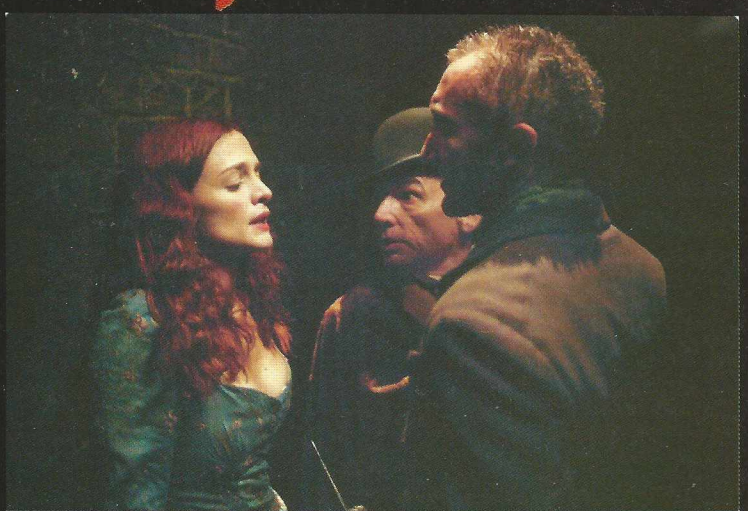
DETALHES SANGRENTOS

Do Inferno, na verdade, traz menos sangue em profusão do que poderia se esperar dos irmãos Hughes e um tema tão violento quanto o Estripador. Seus filmes anteriores, *Ameaça para* ▸▸


Profunda

Necrotérios e becos escuros: em busca do Estripador

a Sociedade e *Ambição em Alta Voltagem*, traziam o cotidiano da violenta periferia americana – um verdadeiro subgênero chamado gangsta movies – para o cinemão. Mas *Do Inferno* era outro papo. Só em dar uma folheada no tomo de quase quinhentas páginas de Moore e Campbell, os mais desavisados ficavam nauseados. Depois de uma pesquisa exaustiva, a dupla descreveu em detalhes os crimes que assombraram a Londres do século 19 e, baseados em arquivos da polícia londrina, terapias conspiratórias e a infinita imaginação de Moore, criou o registro definitivo de quem poderia ter sido Jack, o Estripador. Isso sem economizar em sexo, poder e sangue.



Fotos: Fox

Quando o projeto aportou nas mãos dos Hughes, nenhum estúdio em Hollywood queria chegar perto. "O quê? Jack, o Estripador nas mãos de diretores de gangsta movies?", era a reação mais comum. Quando a Fox finalmente encarou o projeto, a paciência de Allen e Albert já estava perto do fim. "Spielberg fez *E.T.*, mas ninguém pergunta se ele já foi ao espaço. Francis Coppola criou *O Poderoso Chefão* e não circulava por aí com mafiosos. Mas todo mundo questiona os diretores negros", alfineta Albert. "Estava cheio de ouvir: 'Vocês moraram no gueto, vocês já fizeram isso ou aquilo'. Mas se você é negro e faz um filme de brancos, eles dizem: 'Como você saberia dessas coisas, não é seu mundo'."

Apesar das dificuldades em tirar *Do Inferno* da gaveta, a dupla foi em frente e passou à difícil tarefa de dar vida ao universo de *Do Inferno*. Uma decisão tomada logo de cara era não repetir o banho de sangue de seus filmes anteriores – o que importava era o poder da sugestão, e não exibir vísceras. Mesmo assim, eles filmaram cada assassinato cometido por Jack com extrema riqueza de detalhes sangrentos – "só para garantir", completa Albert. "Eu pensava 'que merda, a gente se vendeu' porque não mostramos tanto sangue. Mas era a imaturidade falando." Tomara que eles sejam imaturos com o DVD do filme.

SUJEIRA E PODRIDÃO

Depois que Johnny Depp entrou a bordo – no papel do inspetor Abberline, responsável pela ▸▸

O Monstro sem Face

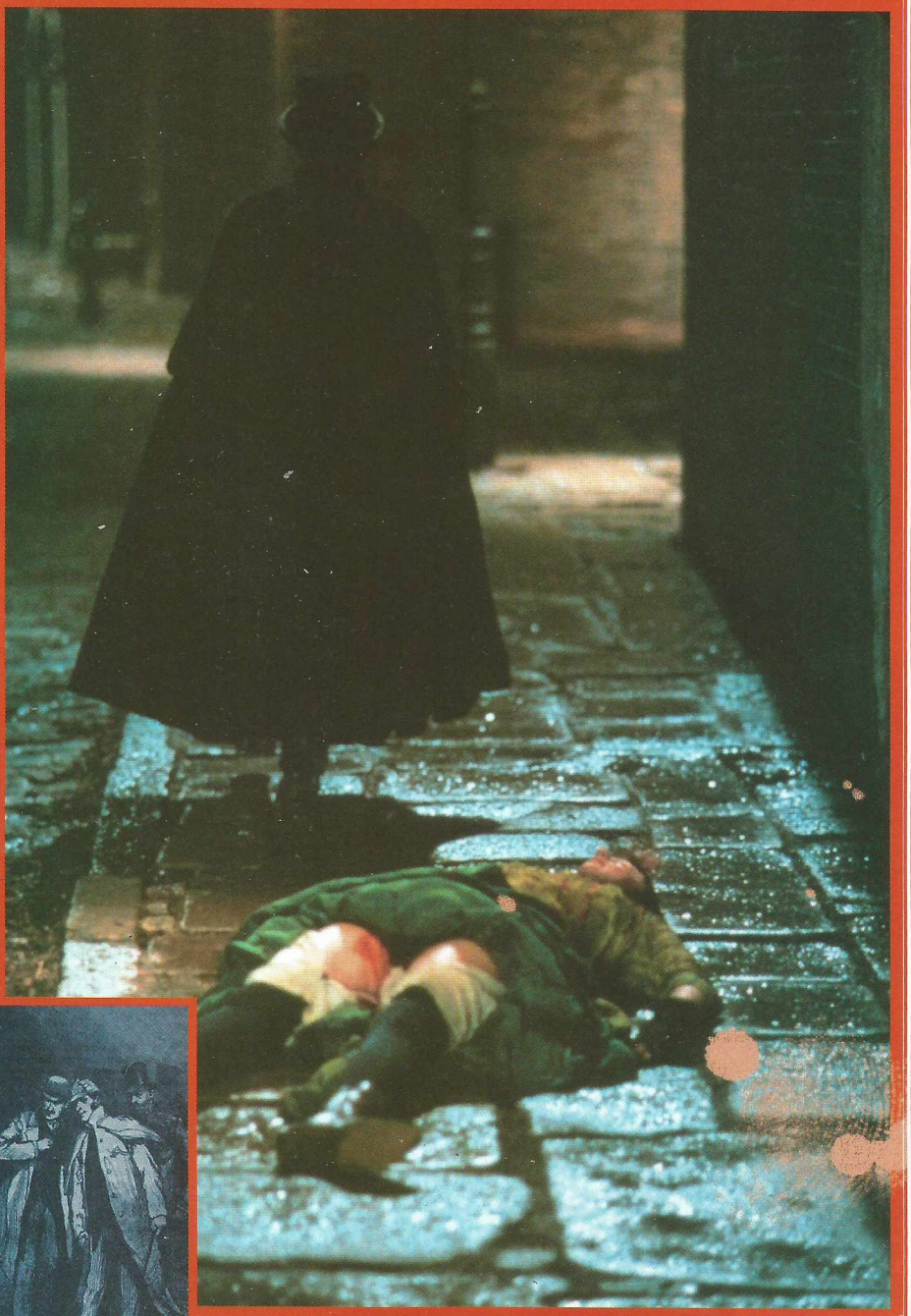
O reinado de terror de Jack, o Estripador começou oficialmente na madrugada de 31 de agosto de 1888, uma sexta-feira. O corpo da prostituta Mary Ann Nichols foi encontrado em um beco de Londres, terrivelmente desfigurado. Havia, porém, um detalhe inquietante naquela carnificina, que seria detectado em todos os outros crimes atribuídos ao assassino: as incisões de lâmina encontradas no corpo de Mary Ann não pareciam ser aleatórias - muito pelo contrário.

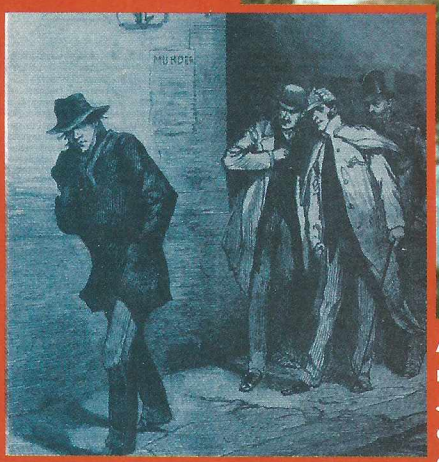
No desenrolar das investigações, a polícia concluiu que o ritual de laceração ao qual o homicida submetia suas vítimas deveria consumir pelo menos uma hora. Nas semanas seguintes, outras quatro mulheres (todas elas, prostitutas) foram mortas pelo assassino sem rosto. E o medo rapidamente se espalhou pelo *East End* da Londres vitoriana.

Parteira enlouquecida

Até hoje, não se sabe a identidade do assassino, embora todo tipo de teorias tenha sido proposto a esse respeito, seja por detetives profissionais, seja por amadores. O Estripador poderia ser um médico, levando-se em conta a precisão das incisões nos corpos das vítimas (testemunhos coletados na época também asseguravam que ele portava uma espécie de mala preta, tradicionalmente associada àqueles que exerciam esta profissão) - ou, talvez, um criminoso polaco; um espião da Rússia czarista determinado a desacreditar a polícia britânica; ou uma parteira enlouquecida. Todas essas hipóteses são meras especulações. Jack, o Estripador nunca foi apanhado e, após cometer cinco assassinatos, desapareceu de modo tão enigmático quanto apareceu.

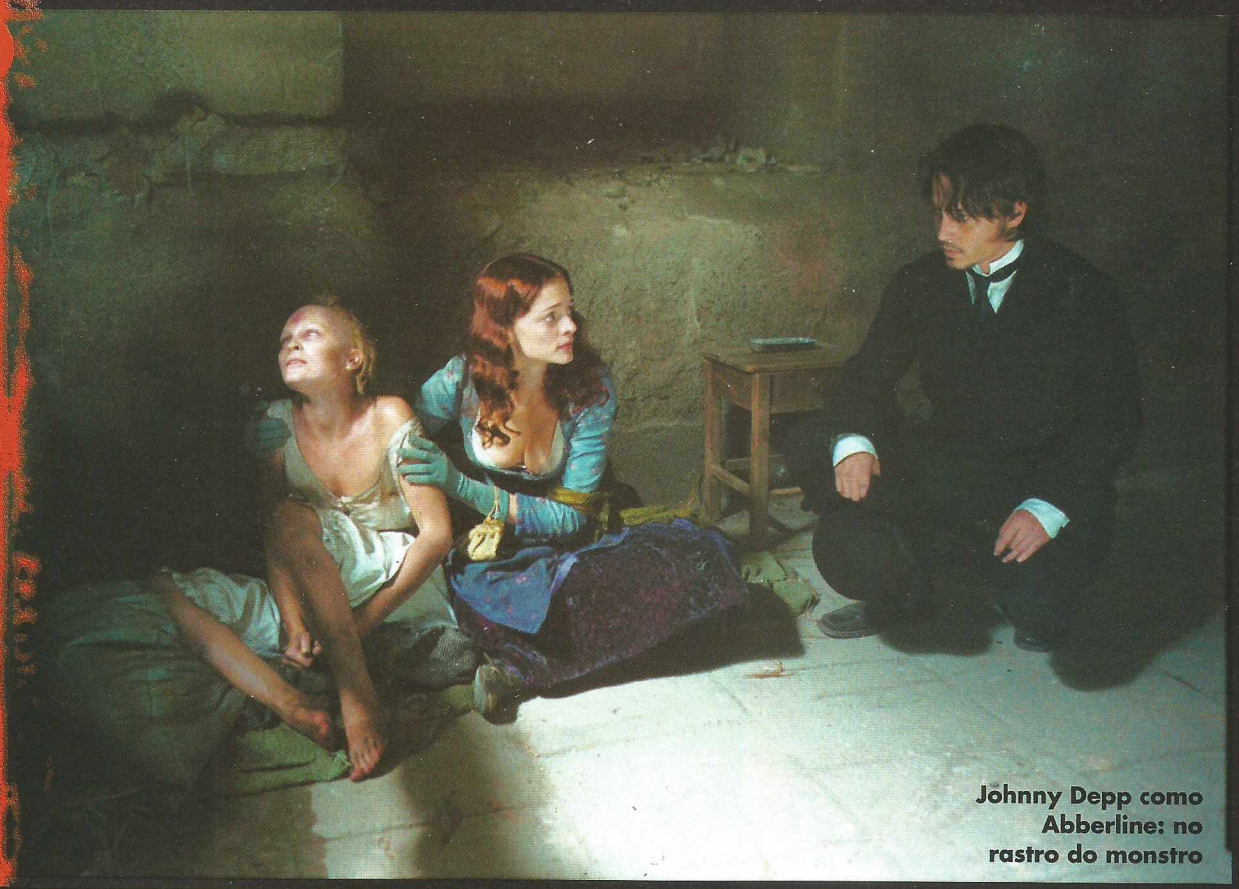
Mas o mito continuou vivo na memória do público - e, particularmente, na lembrança dos cineastas. Muitos foram os diretores que ofereceram versões pessoais para a elucidação do mistério de Jack, o Estripador. Uma delas foi proposta pelo Mestre do Suspense, Alfred Hitchcock, que retratou o assassino em *The Lodger* (1926). De lá para cá, atores como Udo Kier, Klaus Kinski, Anthony Perkins, David Warner e até Tor Johnson (um colaborador habitual de Edward Wood Jr., diretor de bombas bacanas como *Plan 9 From Other Space* e *A Noiva do Monstro*) viveram o histórico personagem na telona.





Acima: o cinema revisita a lenda de Jack; ao lado: cartaz da época anuncia a caça ao assassino

E.T.



Johnny Depp como Abberline: no rastro do monstro

Sono intranqüilo: o maníaco ataca outra vez...

investigação dos crimes –, o projeto tomou fôlego. Apesar do orçamento modesto de 35 milhões de dólares, uma brisa na Hollywood de hoje, os Hughes se esmeraram em reproduzir, em Praga, os becos e vielas do distrito de Whitechapel com precisão cirúrgica.

"Cada pedra está exatamente como era em Londres", disse Depp durante as filmagens. A sujeira e podridão da Inglaterra vitoriana, que se equilibrava entre palácios vistosos para a realeza e a imundície e degradação dos homens comuns e mulheres de vida fácil, ganham um retrato sem retoques.

Mas o texto de Alan Moore, claro, foi suavizado – não por causa da violência, mas por causa de seu volume. Para adaptar a história em um roteiro, Abberline, que era um policial de meia-idade, ganhou as feições de Johnny Depp e um vício em ópio e absinto, que o faz ter visões dos crimes – uma sugestão do próprio ator, outro fissurado pela história do Estripador.

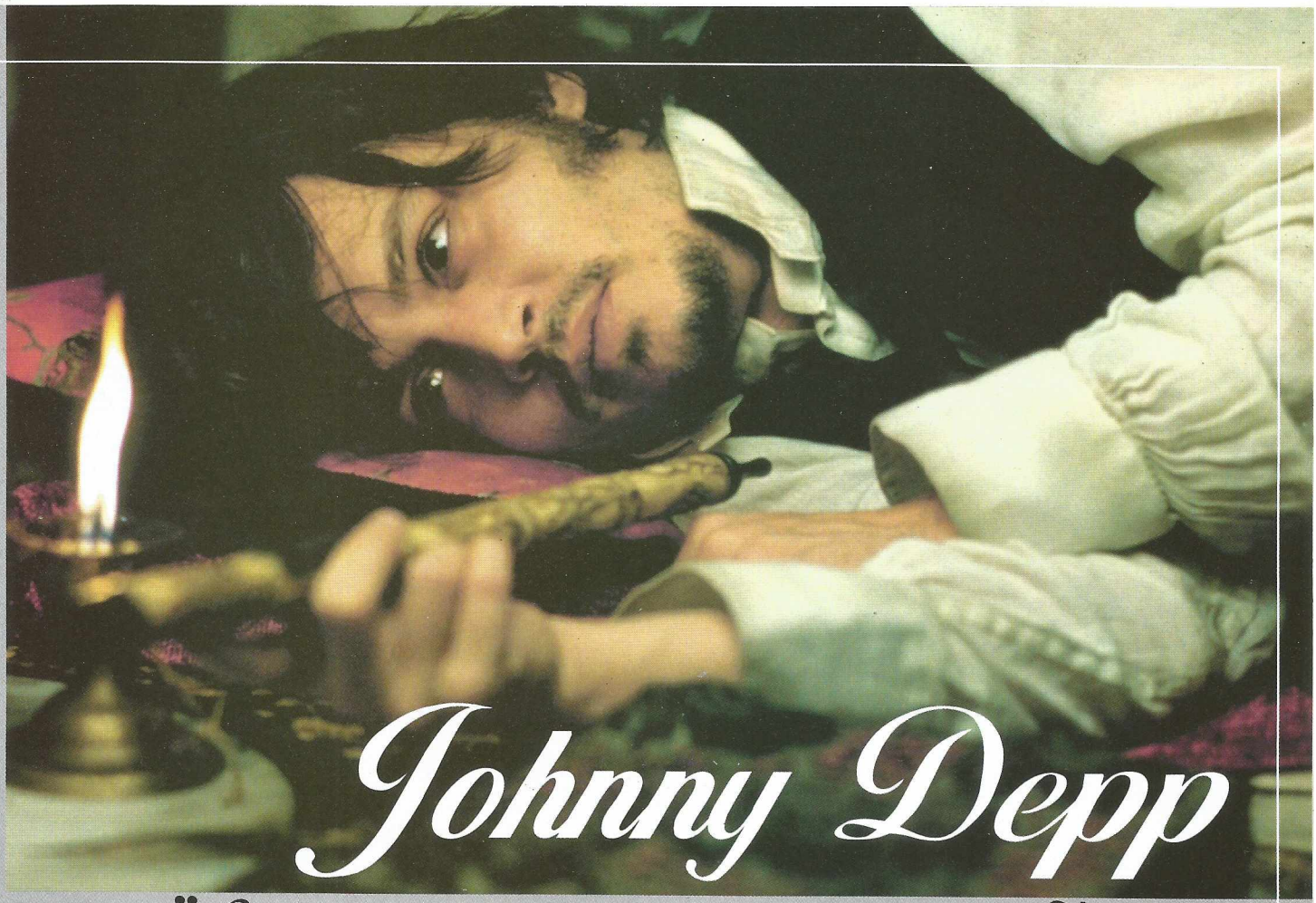
É TUDO DINHEIRO

Embora não seja um documento preciso do que realmente aconteceu na época, *Do Inferno* é o mais próximo que Hollywood vai chegar em desvendar o mistério. Ou, como admite Albert Hughes: "O objetivo não é descobrir a verdade, mas narrar a teoria mais interessante".

Mesmo que seja com litros de sangue a menos do que a história mereceria. "Se fosse um filme de Michael Bay não haveria o menor problema com a cena da garganta cortada", desabafa Albert. "Se Michael Bay fosse o diretor, a MPAA ficaria surpresa em como ele foi sutil e discreto."

Completa Allen: "Para eles, é tudo dinheiro. Se você não for um diretor com uma enorme conta bancária, eles te f...".

Fotos: Fox



Johnny Depp

"Os personagens que me interessam são os menos normais..."

Dizem que você é fascinado pelo mistério de Jack, o Estripador. Qual é a sua teoria sobre o que aconteceu?

Nunca desenvolvi uma teoria particular, pois as que já existem são intrigantes o bastante. Uma delas é justamente a que mostramos no filme. Mas a que mais me parece correta é aquela que aponta o Estripador como um médico americano que vivia na Inglaterra. Ele foi dado como um dos suspeitos e, assim que pegou o navio de volta para os EUA, o Estripador não atacou mais.

O que mais o atrai no mistério do Estripador? Talvez seu lado obscuro...

Admito que, quando era mais jovem, me sentia atraído por histórias sombrias. Provavelmente, foi isso o que me levou a ler mais de 25 livros a respeito do assunto. Hoje, o caso ainda me fascina por outras razões. Basicamente, porque é um mistério não resolvido, com inúmeras possibilidades sobre quem pode ter sido o assassino. E, também, porque o caso marcou o nascimento do jornalismo de tablóide. Foi quando a mídia percebeu que podia ficar rica explorando assuntos de forma sensacionalista.

Em sua opinião, o Estripador preparou a mídia para o século 20 ou ele próprio foi fruto dessa mídia?

É difícil determinar quem estava manipulando quem. Esse tipo de jornalismo nasceu com o caso, na medida em que o Estripador ganhou status de celebridade. A imprensa divulgou várias cartas que teriam sido de autoria do Estripador, mas acredito que ele só escreveu uma, a que veio acompanhada de um pedaço de rim.

Por conta de seu conhecimento no caso, você deu palpites no filme?

A idéia de retratar o inspetor Fred Abberline como um viciado em ópio foi minha. Por conta da natureza perturbadora do trabalho, muitos policiais e detetives têm uma inclinação à bebida e às drogas. Achei que seria um paralelo interessante, principalmente porque o personagem tem visões... E o mais intrigante é que ele não precisa da droga para ter a visão, mas sim para acalmar os demônios de sua cabeça.

O que mais o impressionou ao trabalhar com os irmãos Hughes?

A forte visão que eles tinham do filme, buscando o aspecto psicológico por trás da lenda do Estripador. Tanto do comportamento do próprio assassino quanto da histeria que ele provocou naquela época.

Hollywood também tentou encaixar você no papel de mocinho...

Isso foi no início, mas a essa altura eles já aprenderam. Os personagens que me interessam são os menos "normais." ■

Elaine Guerini, de Los Angeles

Um Estudo

Foto: Reprodução

Para Alan Moore, Jack, o Estripador foi mais do que um simples homicida – ele pode ter inaugurado o conceito dos crimes em série, comuns na sociedade atual. Nesta entrevista exclusiva, o consagrado autor vai além em sua interpretação do mito, afirmando que seus crimes eram um produto típico do momento histórico em que ocorreram. O resultado da pesquisa de quase dez anos sobre o Estripador empreendida por Moore foi condensado na antológica Graphic Novel Do Inferno, *que serviu de base para o filme homônimo com Johnny Depp.*

Por Gary Butler

No epílogo de *Do Inferno*, o Inspetor Aberdeen se pergunta: "Quanto deste mundo é real?". Esta é uma pergunta apropriada para um trabalho de ficção especulativa...

Quando comecei a trabalhar em *Do Inferno*, não havia mergulhado no significado de tudo isso. A obra foi primeiramente concebida como melodrama – uma ficção. Mas um tipo de ficção diferente, pois todos os elementos da história foram extraídos de lendas genuínas,

em Vermelho

ou às quais passamos a classificar como verdadeiras. Tentei incluir o maior número de fontes possíveis, e depois estiquei a pele da ficção sobre os fatos reais. Só depois de escrever os primeiros episódios é que comecei a me perguntar qual é o autêntico significado da palavra "história".

Dizem que a história é escrita pelos vencedores.

E é por isso que não se pode confiar nela. Nossa tendência é a de ver as coisas pelo filtro cultural de nossa civilização. Isso explica porque a história é constantemente revisada. Quanto tempo levará até escrevermos o relato definitivo sobre a Guerra do Vietnã? Há muitas fontes de informação, algumas delas, contraditórias. E quanto mais recuamos no tempo, mais essa questão se complica. Precisamos nos agarrar em poucos fatos conhecidos e criar uma história racional com o maior número possível deles, e na qual haja um mínimo de contradições.

Com base em sua pesquisa para este trabalho em particular, houve assassinos seriais importantes *antes* de Jack, o Estripador?

É difícil dizer. Houve casos como o de Gilles de Rais, que lutou ao lado de Joanna D'Arc e, mais tarde, confessou ter matado dezenas de crianças por mero divertimento. Ou, ainda, o de Elizabeth Bathory, a aristocrata que assassinou muitas de suas servas pessoais. Mas há aquele problema que já discutimos, o de que a história é escrita pelos vencedores. Gilles de Rais só confessou seus "crimes" sob tortura. Como saber se eles realmente ocorreram? E mesmo que essas pessoas tenham cometido assassinatos em série, elas pertenciam, literalmente, a uma classe diferente de predadores. Levando-se em conta a época em que Gilles de Rais e a Condessa Bathory viveram, não sei até que ponto suas ações contra o "gado humano" sob sua jurisdição seriam consideradas abomináveis. O Estripador foi o primeiro assassino em série a agir em uma região urbana, por sinal, uma região altamente industrializada... Acho que, de acordo com a conotação que o termo possui hoje, os assassinatos em série são um típico produto da sociedade industrial. Não houve nada assim em séculos anteriores. Havia, claro, relatos sobre lobisomens, que talvez fossem versão primitiva dos relatos sobre assassinatos em série. Mas Jack agia exatamente como os psicopatas de hoje em dia. Era um sujeito urbano, e seu alvo era uma classe particular, que a vida urbana tornou muito vulnerável – a das prostitutas.

Ele também era muito inteligente – pelo menos, de acordo com *Do Inferno*. Esta não é uma suposição equivocada sobre assassinos seriais?

O elo principal que os une não é o fato de serem super-homens na escala de Nietzsche, como o Dr. Hannibal Lecter. Quando finalmente os pegamos, descobrimos que são pessoas insignificantes, com cortes de cabelo horríveis e relações problemáticas com suas mães. Não são monstros de proporções descomunais. É claro que podem ser charmosos o bastante para atraírem suas vítimas às suas armadilhas. Mas muitos assassinos em série, como Henry Lee Lucas (*homicida americano ao qual se atribui mais de quinhentas mortes*), são mentalmente debilitados. No entanto, como o Estripador nunca foi apanhado, acho que não se tratava de um cara com problemas sérios que simplesmente decidiu sair matando gente por aí. O fato de ter escapado da Lei também fez com escapasse da história, adentrando o território dos mitos.

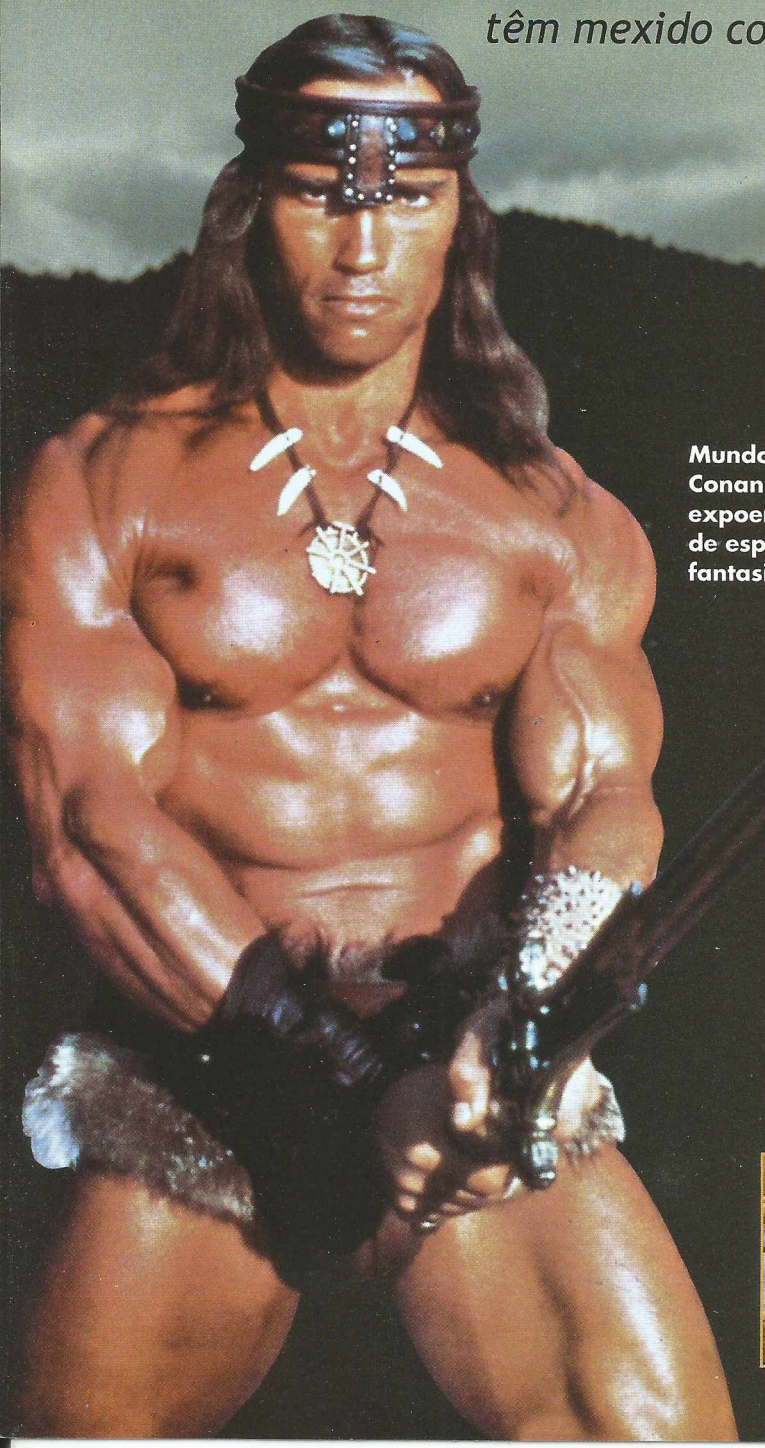
Você poderia nos explicar melhor o papel da industrialização na evolução dos assassinatos em série?

Um dos livros que li durante minha pesquisa sugere que o homicídio é prática sazonal. Se você estudar a fundo os crimes cometidos em cada século, notará que eles variam de acordo com as diferentes eras. Em 1880, a época de Jack, o Estripador, a classe trabalhadora conquistara o direito ao voto – finalmente, havia uma democracia orientada para as necessidades dos menos favorecidos. A sociedade estava volátil, havia muitos tumultos urbanos e a polícia achava-se de prontidão para conter a massa. No século 19, o típico assassino em série deveria ser um médico, um distinto representante da classe média. Este segmento social estava assustado com a emancipação da classe operária. Subitamente, os operários estavam circulando em seu território, seus filhos estavam estudando junto com os filhos dos aristocratas... Este tipo de ressentimento pode ter criado o assassino serial ideal para aquele momento. Esta foi a visão que deliberadamente adotei em *Do Inferno*: a idéia era escrever uma história de mistério na qual os crimes estariam em primeiro plano, mas que versaria sobre tudo o que estava acontecendo ao redor, e sobre o modo pelo qual a cultura vigente naquele período estava ligada ao mistério em si. De certa forma, o Estripador se tornou parte do folclore ocidental. Sempre haverá uma figura a se esgueirar na escuridão atrás de nós, e este fenômeno tem se manifestado com insistência em todos aqueles filmes apelativos, como *Halloween*, *Sexta-Feira 13* e *A Hora do Pesadelo*. É um conceito muito atraente – e acho que a primeira vez em que nos defrontamos com ele foi no outono de 1888. ■

Ensaio

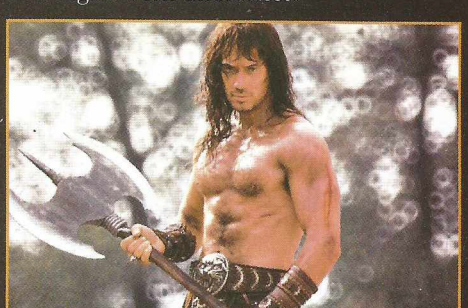
Universo em f

De A Odisséia *a* Xena, a Princesa Guerreira, *um retrospecto das histór*
têm mexido com a imaginação do homem através dos



Mundo bárbaro: Conan é o expoente máximo de espada & fantasia

Hércules, Conan, Frodo, Capitão Sinbad... Pode parecer contraditório, mas todos esses heróis têm algo em comum: eles habitam um universo entre o real e o imaginário, o mitológico e o fantástico – perpetuando, ao mesmo tempo, a longevidade de um gênero considerado irmão da ficção científica, ainda que seja regido por leis e regras bem diferentes.

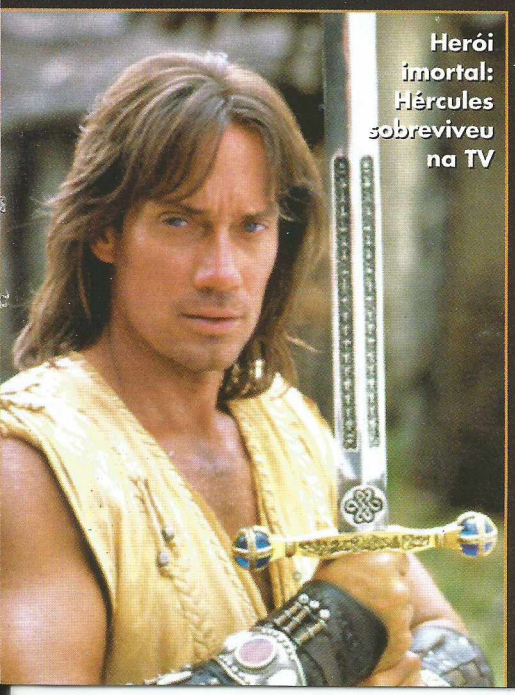


Lendas de aço: na cola do bárbaro da Ciméria surgiram a sensual Red Sonja de *Guerreiros de Fogo*, *Kull, O Conquistador*, o picareta *Deathstalker* e o nobre *Excalibur*

antasia

ias fantásticas que mais tempos

No mundo da fantasia, fenômenos inexplicáveis não precisam de justificativa científica para ocorrer. Deuses e homens convivem em harmonia, faunos e centauros habitam as florestas e gigantes de um olho só guardam tesouros fabulosos. Na literatura, na mídia eletrônica, nos RPGs e nas histórias em quadrinhos, a fantasia tem mantido viva a nossa capacidade de sonhar e, ao mesmo tempo, satisfeito o nosso desejo de aventura.



Herói imortal: Hércules sobreviveu na TV

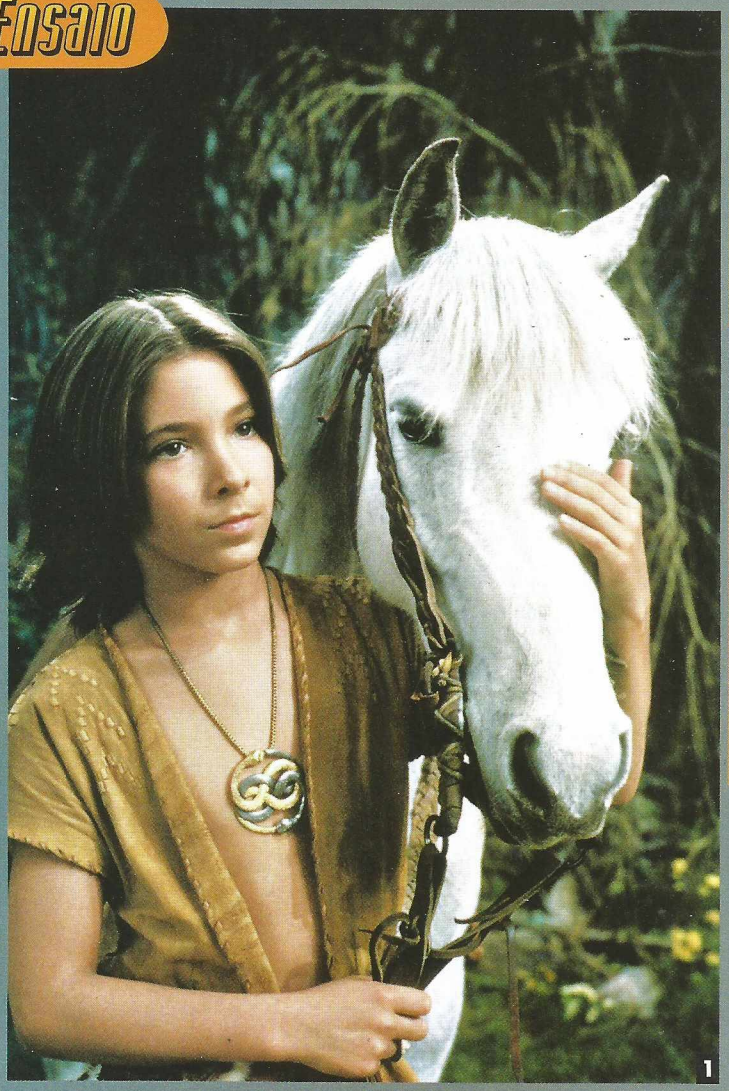
Viajar por localidades distantes – de preferência, habitadas por seres fantásticos – é sonho antigo do ser humano: Homero discorreu sobre esse tema em sua *A Odisséia*, confrontando o herói Ulisses com o ciclope canibal Polifemo e levando seu protagonista a desbravar regiões nas quais aventureiro algum colocara os pés. Essa tradição se perpetuou com o advento de *As Mil e Uma Noites*, da lenda do Rei Arthur e de obras como *O Senhor dos Anéis*, que também narravam jornadas épicas e reinventavam o clássico confronto do Bem contra o Mal.

Conan e Sinbad

Havia algum significado oculto nessas histórias? Sobre *O Senhor dos Anéis*, o célebre autor de ficção científica Isaac Asimov arriscou uma curiosa interpretação: "*O Hobbit* foi escrito nos anos 30, enquanto *O Senhor dos Anéis* o foi nos anos 50... Entre uma e outra obra ocorreu a Segunda Grande Guerra e Tolkien viveu o ano de 1940, no qual a Grã-Bretanha resistiu às forças de Hitler. Os hobbits são habitantes do 'Condado' – o que constitui uma clara representação do que a Inglaterra tem de mais idílico – e, por trás da figura de Sauron, poderia estar o malévolo Adolph Hitler". Corretas ou não, tais interpretações ficam restritas ao ▸▸

Xena, a guerreira que conquistou a TV

Fotos: Divulgação



Fotos: Divulgação

Cinema fantástico: (1) *A História Sem Fim*; (2) *Jabberwocky*; (3) *Willow*

Belas e feras: (4) *Ladyhawke*; (5) *Coração de Dragão*

momento em que a obra foi gerada por seu criador. Para as futuras gerações, o que ficou foi a fantasia – um doce que nunca perde o sabor e que, por ser desvinculado da realidade histórica, permanece saboroso séculos após ter sido inventado.

No cinema, os efeitos especiais deram asas aos delírios de Homero, Tolkien e outros autores que definiram o filão. As primeiras produções do gênero datam do início do século 20 – como a cinessérie *Maciste*, dirigida pelo italiano Giovanni Pastrone. Mas foi a partir da década de 60 que esses filmes entraram em escala industrial de produção. Com a popularização das técnicas de animação quadro-a-quadro (ou stop-motion), ficou mais fácil dar vida a hidras, centauros e medusas, que enfrentaram o Marujo Sinbad, Jasão e Perseus em produções como *Sinbad e a Princesa* (1958), *Ja-são e o Velo de Ouro* (1963), *A Nova Viagem de Sinbad* (1974), *Sinbad Contra o Olho do Tigre* (1977) e *Fúria de Titãs* (1981).

As Mil e Uma Noites e a mitologia grega não foram as únicas fontes de inspiração dos roteiristas. Em 1982, Arnold Schwarzenegger interpretou o guerreiro Conan na telona. O personagem fora inventado por Robert E. Howard nos anos 30 (a mesma década que viu o nascimento da mitologia de Tolkien), quando protagonizou uma bem-sucedida série de romances. Dirigido por John Milius, *Conan, o Bárbaro* gerou uma infinidade de imitações – sendo, a mais canhestra, a pobrinha cinessérie *Deathstalker*, na qual "magia" virou sinônimo de seios à mostra e cabeças decepadas (nesta ordem). Outras produções que indiretamente flertaram com o gênero foram *Ladyhawke – O Feitiço de Áquila*, *Coração de Dragão*, *Jabberwocky* e – estas, em uma esfera mais próxima à de Tolkien – *A História Sem Fim* e *Willow, na Terra da Magia*.

A fantasia chega à TV

Seguindo o exemplo do cinema, a telinha logo encarregou-se de criar seus próprios mundos fantásticos – aliás, na década de 90, esta mídia se tornou um campo extremamente fértil para o gênero. A série *Hércules* (produzida

Fantasia renasce: Galadriel...

entre 1995 e 1999), por exemplo, teve 110 episódios e originou cinco longas-metragens. Apesar de exibida apenas em canais regionais nos EUA, o programa agradou ao misturar humor e artes marciais em uma única fórmula. No mesmo ano em que Hércules estreou, *Xena, a Princesa Guerreira* deu início às suas aventuras, ao lado da amiga Gabrielle.

Mais tarde, foi a vez de *As Aventuras de Sinbad* monopolizar a atenção do público. Estrelado por Zen Gesner, o programa resgatou o famoso personagem que, assim como Hércules, já vivera memoráveis aventuras no cinema. Se séries estreladas por Hércules e Sinbad haviam encontrado um lugar ao sol, por que não criar outra com o lendário herói Robin Hood? A TV já produzira duas séries inglesas sobre o personagem, uma na década de 50 (com Richard Greene) e outra na década de 80 (estrelada por Jason Connery), mas a nova produção inovou ao combinar as aventuras tradicionais de Robin com ingredientes fantásticos de *Hércules*. Seu cancelamento não impediu que o Canadá realizasse uma versão própria das aventuras do herói de Sherwood. Bem... não era exatamente o Robin da Floresta, mas sua descendente, Robyn Hood – uma adolescente que viajava no tempo para enfrentar os inimigos de seu antepassado. *Back to Sherwood*, de 1999, teve treze episódios e não chegou a ser exibida por aqui.

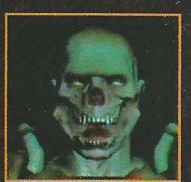
No final de 1997, outro herói famoso aportou na telinha: Conan, o Bárbaro. A série com o personagem foi rodada ▸▸

... e Frodo em *O Senhor dos Anéis*

A IRMANDADE DO JOYSTICK

Não há palavra melhor para se definir os videogames que *fantasia*. Mais do que livros, filmes e séries de TV, os games nos permitem vivenciar a experiência de ir aonde nenhum homem jamais esteve. O jogador veste a armadura do cavaleiro medieval ou empunha o arco do elfo das florestas, transportando-se para terras não cartografadas e habitadas por seres mitológicos.

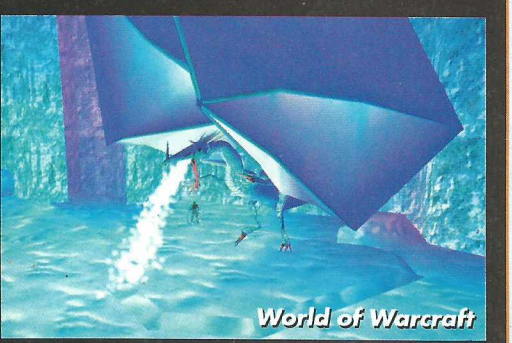
E há tantos mundos mágicos a escolher que é complicado destacar qual deles é o mais fascinante. Quem não se arrepiou ao vagar pelos labirintos do clássico *Doom*, enfrentando os mais bizarros monstros, até descer ao inferno no fim do jogo? É claro que, com a evolução dos videogames, a imaginação dos produtores transcendeu as barreiras impostas pelas limitações técnicas das máquinas antigas. O resultado não poderia ser outro: os cenários dos jogos ganharam proporções gigantescas. Logo surgiram os primeiros mundos em 3D – que, depois de *Super Mario 64*, conquistaram novo conceito: os personagens podem se movimentar em qualquer direção, o que pôs um fim às limitações de campo. Só assim os jogadores puderam conhecer todo o esplendor de Hyrule, a terra mágica onde se passam as aventuras da série *Zelda*.



Hoje, tais mundos estão prontos para entrar em uma nova era.

***Diablo*, o demônio medieval**

Afinal, os jogos começam a se transformar em enormes encontros *online*, com a Internet unindo jogadores de todo o mundo. Games como *Diablo* ou *Age of Empires* têm feito isso há um bom tempo, colocando pessoas de pontos opostos do globo frente a frente em uma partida. Outros, como *Everquest* e os futuros *World of Warcraft*, vão mais além, juntando centenas (ou milhares) de jogadores em um único mundo fictício, onde eles pelejam contra outros jogadores. No que depender dos videogames, os delírios de Homero, Tolkien e Robert Howard têm lugar assegurado na terra do amanhã. ■



World of Warcraft

Everquest

Age of Empires

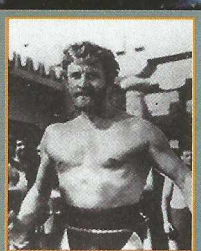
Mundos interativos: com a Internet, pessoas do mundo inteiro se encontram em arenas virtuais para decidir o destino da Terra

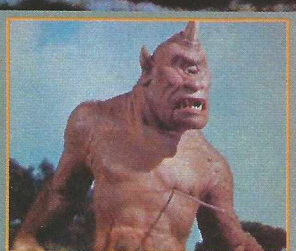
Jasão e o Velo de Ouro: o apogeu de uma era de magos, monstros... e bonecos

na Alemanha e estrelada pelo fortão Ralph Moeller, que conquistara o título de Mr. Universo em 1985. Mas o programa só durou 22 episódios. E já que todo mundo estava tentando copiar a fórmula de *Hércules* e *Xena*, os produtores destas séries resolveram seguir o exemplo e produziram uma versão da juventude de Hércules, em outro projeto que não vingou: O *Jovem Hércules* (1998), que teve apenas cinqüenta episódios.

Recesso estratégico

O público tampouco demonstrou muito entusiasmo por *Guerreiros Místicos de Tir Na Nog*, produção franco-americana baseada em lendas celtas. A trama: grupo de guerreiros, composto por reis, fadas e cavaleiros, luta contra a tirania da rainha Maeva. Basicamente direcionada às crianças, a série decepcionou os adultos, sendo cancelada na primeira temporada. *Hércules* e *Xena* permanecem as telesséries mais bem-sucedidas do gênero até o momento, apesar de inúmeras tentativas da concorrência em igualar sua popularidade.





Magia à moda antiga: *Ulisses* na Itália e *Sinbad* nos EUA

Fotos: Divulgação

Isso talvez explique porque, em meados de 2002, não há previsão de lançamento de novas séries nos mesmos moldes. Será que o fascínio do gênero finalmente se extinguiu? Dificilmente. O mais provável é que as produtoras e emissoras de TV estejam fazendo um recesso estratégico, antes de voltar com força total ao reino da fantasia. ■

Eduardo Torelli e Fernanda Furquin

Fotos: Divulgação

"Isso mesmo, Frodo, não se esqueça de que você é espada"

Tolkien para iniciantes

Versão para o cinema da obra O Senhor dos Anéis *é um triunfo do diretor Peter Jackson*

Hobbits, elfos, anões, trolls... Todas essas criaturas fazem par e do universo mágico de J.R.R. Tolkien, que acaba de ser transposto para as telas por Peter Jackson. O curioso é que, apesar de ser desconhecida de boa parte do grande público, a Terra-Média e seus estranhos habitantes lembra outros universos que nos encantam há décadas – especialmente o de *Star Wars*. Assistir a *O Senhor dos Anéis – A Sociedade do Anel* é beber diretamente na fonte que originou a saga de George Lucas. O melhor é que Jackson foi capaz de adaptar a obra sem um pingo de pretensão. O resultado é uma aventura para agradar a fanáticos e a não iniciados.

Na trama, o hobbit Frodo (Elijah Wood) é encarregado de salvar a Terra-Média do maligno Sauron – que, por sua vez, conta com um exército de repulsivos guerreiros para levar a cabo seus planos. O objetivo de Sauron é recuperar o poderoso Um Anel, que se encontra em poder de Frodo, antes que o herói consiga destruí-lo.

Absurdos

O filme é um delírio visual. Os efeitos especiais são excelentes, assim como a engenhosa direção de arte, que criou mundos verossímeis para hobbits e elfos, mas não abre mão de artimanhas conservadoras para segurar a atenção do público – entre elas, escalar um insuspeito time de atores para os papéis centrais, o que dá veracidade à história. Costurados com precisão cirúrgica pelo diretor, tais elementos fazem de *O Senhor dos Anéis* uma experiência que, apesar de durar três horas, deixará o espectador louco para assistir aos próximos filmes da saga.

O único "senão" é a insistência de Jackson em não manter a câmera parada um segundo sequer durante as cenas de batalha – às vezes, frenéticas *demais*. Em mãos menos experientes, *O Senhor dos Anéis* poderia ser a grande bomba de 2001, por causa da complexidade da trama original, do excesso de absurdos que a compõem e da dificuldade em se acomodar os lisérgicos ingredientes do livro em um roteiro "sóbrio." No entanto, driblando todas as previsões pessimistas – inclusive as de George Lucas –, Jackson realizou o melhor filme fantástico do ano.

Frodo e Sam Gamgee, companheiros de viagem

E.T.

INFERNO VE

Fotos: Divulgação

Memórias de um diretor imprevisível

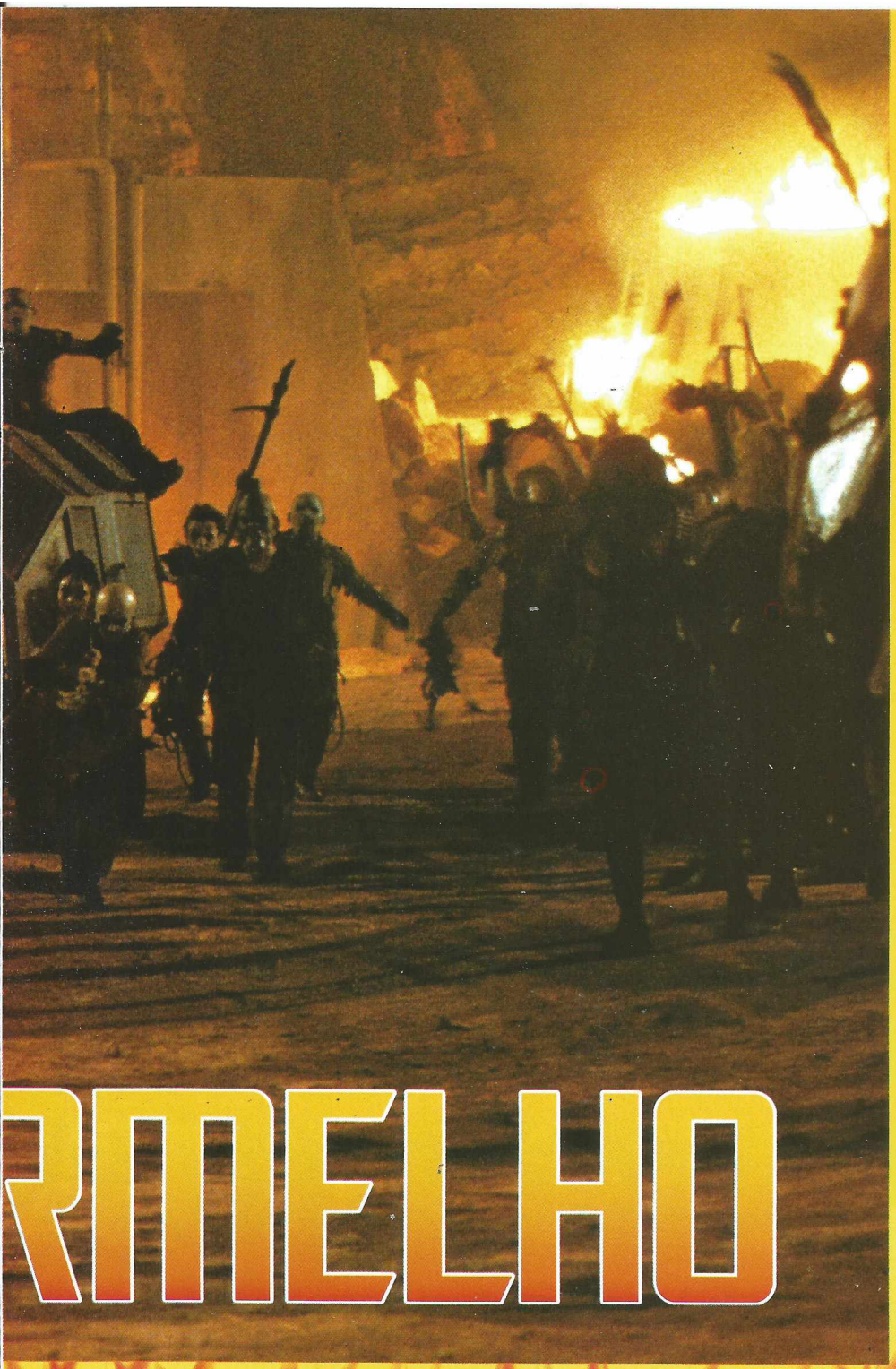
Para John Carpenter realizar filmes não é uma experiência acumulativa. Após concluir um longa-metragem, ele é acometido por estranhos lapsos de memória, esquecendo tudo o que aprendeu até então – e isso faz de cada um de seus filmes uma caixinha de surpresas. Esta talvez seja a razão de sua filmografia ser tão irregular, alternando momentos inspiradíssimos e bombas homéricas. Eis alguns exemplos:

HALLOWEEN – A NOITE DO TERROR (1978)

Carpenter estreou no cinema com o obscuro *Warrior and the Demon* e, antes de perpetrar a primeira aventura de Michael Myers, já havia rodado outras duas produções. Mas *Halloween* foi o primeiro projeto a lhe trazer alguma notoriedade. É um suspense correto e inspirado, que praticamente inaugurou o filão dos filmes sobre serial killers, popularíssimos na década de 80.

A BRUMA ASSASSINA (1980)

A morte, oculta em um nevoeiro, espreita a tripulação de um navio. Uma boa idéia – que, infelizmente, naufragou.



RMELHO

O rei do horror sanguinário volta às telas com Fantasmas de Marte, *uma saga gótico-canibalesca, regada a violência e heavy-metal*

Após assistir a *Fantasmas de Marte*, o público terá duas certezas:

1) Depois de todos esses anos, John Carpenter ainda não aprendeu a dirigir filmes que prestem;

2) Carpenter não está interessado em dirigir filmes que prestem, mas em se divertir um bocado realizando produções de baixo orçamento, que homenageiam as centenas de fitas de terror B as quais ele assistiu durante a infância.

Portanto, se você entrar na onda, vai se divertir à beça. Do contrário, terá duas longas horas pela frente.

Esta não é a primeira ficção científica do diretor de *Vampiros*. Nos anos 80, Carpenter deu contribuições muito expressivas ao filão – filmes como O *Enigma de Outro Mundo*, *Starman – O Homem das Estrelas* e *Eles Vivem*. Mas não há dúvida de que *Fantasmas de Marte* é sua mais bizarra incursão ao gênero. E, também, a mais bizarra visão de Marte jamais proposta pelo cinema.

A história é ambientada em um futuro dark e improvável: o planeta vermelho foi parcialmente colonizado pelos humanos – se não há vida lá, é difícil entender o motivo da colonização, mas isso é um "detalhe". O poder local é exercido por uma estranha hierarquia ▸▸

FUGA DE NOVA YORK (1981)

Outro acerto. Estrelada por Kurt Russell, esta fantasia futurista é ambientada em uma Nova York de pesadelo, transformada em presídio e habitada pela escória da humanidade. Converteu Russell em herói (o amoral Snake Plissken) e teve uma continuação cretina e totalmente dispensável em 1997.

O ENIGMA DE OUTRO MUNDO (1982)

Sem dúvida, o melhor filme de Carpenter. Trata-se da refilmagem do clássico *O Monstro do Ártico*, vitaminada com uma dose de efeitos especiais bacanas e atitude contemporânea.

CHRISTINE – O CARRO ASSASSINO (1983)

Boa adaptação para as telas do romance homônimo de Stephen King. Mesmo sem abusar de efeitos especiais, tem estilo, personalidade e boas interpretações.

STARMAN – O HOMEM DAS ESTRELAS (1984)

A versão do diretor para a trama de *E.T.* Um bom filme, ainda que realizado dentro do "esquemão" hollywoodiano, condenado por Carpenter. ▸▸

matriarcal (só as mulheres têm cargos de chefia, inclusive na polícia).

Guerreiras lésbicas

O roteiro dá a entender que a escassez de machos em Marte fez do homossexualismo feminino uma prática recorrente naquelas paragens: em troca de promoções, as mulheres precisam dormir com suas superioras. A destemida Tenente Melanie Ballard (Natasha Henstridge) é uma das poucas heterossexuais do pedaço e, por conta disso, sofre discriminação por parte de suas companheiras. Essa deve ser a visão pessoal de Carpenter sobre os resultados futuros da luta pela igualdade entre os sexos, mas isso é problema do diretor.

O sobrenatural se impõe na trama a partir do momento em que Ballard e um pelotão de recrutas (constituído por guerreiras lésbicas e "reprodutores", como são chamados os raros homens de Marte), liderados por Pam Grier – a ex-musa dos filmes de *blackexploitation*, redescoberta por Quentin Tarantino em *Jackie Brown* –, são incumbidos de transferir um presidiário (Ice Cube) de uma estação mineradora para a área colonizada do planeta. Quando chegam ao local, os heróis têm uma visão do inferno: as cabanas dos mineradores foram abandonadas, há corpos estripados por todos os lados e as planícies vizinhas estão infestadas de malucos – que, possuídos por estranha força alienígena, promovem sádicos rituais de barbárie envolvendo decapitações e empalações. O líder dos fanáticos é uma figura cravejada de piercings, que parece um cruzamento entre o linguarudo Gene Simmons (baixista do Kiss) e Marilyn Manson.

Guerreiras lésbicas, metaleiros canibais e Ice Cube? Bem, a essas alturas, você já percebeu que está assistindo a um típico filme de John Carpenter.

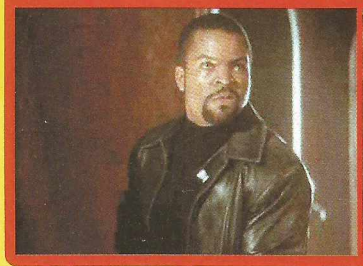
Fotos: Divulgação

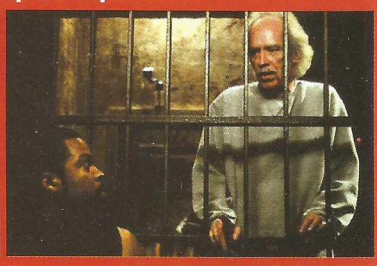
Em Marte, os homens são "reprodutores" ou clones de Marilyn Manson

Dedo decepado

Não apenas o enredo de *Fantasmas de Marte* é de uma simplicidade franciscana: os personagens são ultra-estereotipados e o visual da produção é para lá de cafona – as locações "marcianas" são os panoramas desolados do Novo

O abismo é vermelho: Ice Cube, Pam Grier, Natasha Henstridge e até o próprio John Carpenter perdidos em Marte





Memórias de um diretor imprevisível

AVENTUREIROS DO BAIRRO PROIBIDO (1986)

Outra parceria de sucesso entre o diretor e Kurt Russell, esta comédia agradou ao público e à crítica com sua inteligente mistura de ação, terror e humor anárquico.

O PRÍNCIPE DAS SOMBRAS (1987)

Literalmente, um horror. Roteiro confuso, interpretações fraquinhas e diálogos ridiculamente pretensiosos condenaram este filme ao limbo.

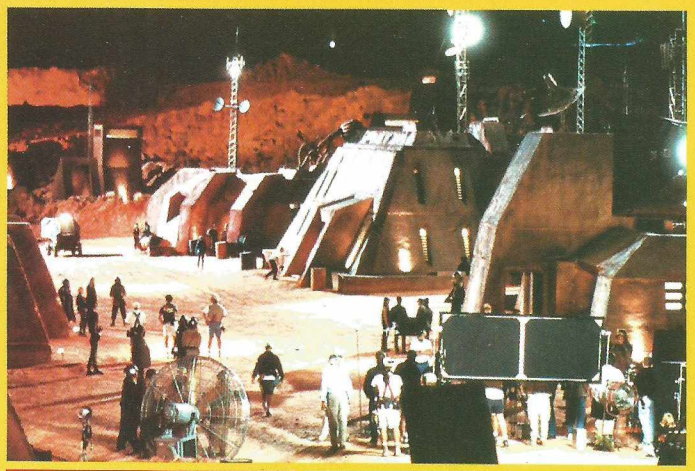
ELES VIVEM (1988)

Bola dentro: é a história de um operário burraldo que, um dia, encontra um par de óculos especiais que lhe permite enxergar a verdadeira natureza de todos que o cercam. Ele descobre, perplexo, que grande parte da população terrestre é constituída por alienígenas, que controlam os humanos como gado. John Carpenter também é crítica social!

MEMÓRIAS DE UM HOMEM INVISÍVEL (1992)

O horror, o horror... Refilmagem descerebrada de *O Homem Invisível* (1933)

México, e toda a brincadeira saiu por meros 28 milhões de dólares, orçamento ridículo para os padrões das produções do gênero. Mas todo esse circo é proposital, e o diretor freqüentemente nos deixa claro que a história não deve ser levada muito a sério. Prova disso são as inúmeras inserções de humor negro que pontuam a narrativa. Em uma delas, um personagem – em um arroubo de cavalheirismo urbano – se oferece para abrir uma lata para uma das mulheres do filme e acaba decepando o próprio dedo com um facão.



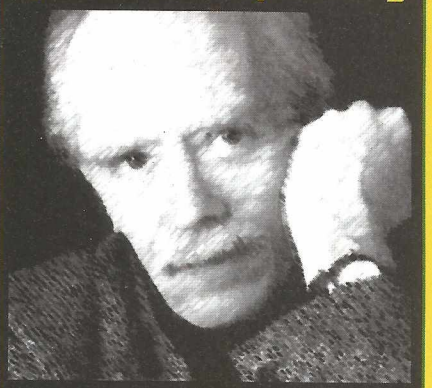
Faltou grana: cenários coiós enfeitam Marte

A explicação para os fenômenos sobrenaturais da trama é outro clichê: o filme nos revela que os tais fantasmas de Marte foram libertados de sua tumba ancestral por mineradores que, no processo de trazer o progresso ao planeta, acabaram por desencadear uma força poderosíssima, muito além de sua compreensão – o que, intencionalmente ou não, nos remete ao já mencionado *O Enigma do Outro Mundo* e a uma infinidade de produções semelhantes. Some-se a isso muita pancadaria, violência gráfica (braços, pernas e cabeças são constantemente alvejados por serras e outros instrumentos cortantes) e trilha sonora digna do melhor *headbanger*, e você terá uma idéia geral do que é esse filme.

Mas, voltando à questão inicial: *Fantasmas de Marte* é um filme ruim? Se comparado a superproduções do gênero, como *Independence Day* ou *Inteligência Artificial*, sim. O roteiro também apresenta sérios problemas estruturais (a história caminha muito lentamente e se perde em uma infinidade de *flash-backs*, que mais confundem do que explicam). No entanto, é uma aventura autêntica até a medula – e a maior prova de que Carpenter, ao contrário de outros realizadores independentes de sua geração, preferiu não se vender ao esquemão hollywoodiano, dando as costas ao gênero que o consagrou. Se puderem encarar essa exótica loucura como o que ela realmente é – uma comédia de humor negro, e não um filme "sério" de terror –, os fãs do diretor irão aprovar.

Eduardo Torelli

O homem que não queria ser Spielberg



Diretamente das planícies marcianas, John Carpenter falou a SET Terror & Ficção sobre seu novo filme.

Deu para fazer reflexões profundas em *Fantasmas de Marte*, ou a intenção era só entreter o público por duas horas?

Este é só um filme sobre uns caras brigando em Marte, e não pretende ser nada além disso. Não estou aqui para fazer *O Resgate do Soldado Ryan*. Esse não é o meu território.

O que esse filme significa para você?

Significa que consegui sobreviver três décadas em Hollywood enquanto meus contemporâneos já caíram no esquecimento, ou são considerados decadentes.

Por que escolheu Marte como cenário?

Marte é o lugar de onde os monstros mais demoníacos vêm. Marte, na história da civilização, representa a emoção humana, o sangue, a guerra, o sexo. Não poderia fazer esse filme em nenhum outro planeta. Imagine só o título: *Fantasmas de Plutão*. Não combina, certo?

---

na qual – vai entender – o protagonista não fica sempre invisível.

À BEIRA DA LOUCURA (1994)

Um ponto de partida interessante, sacrificado pela realização rotineira e preguiçosa. Um filme que não funciona nem como comédia nem como filme de horror, apesar das inúmeras menções a Stephen King e H.P. Lovecraft. Ah, traz Anakin Skywalker (ou Hayden Christensen) bem antes de *Star Wars: Ataque dos Clones*.

A CIDADE DOS AMALDIÇOADOS (1995)

Outro remake picareta, quase tão ruim quanto *Homem Invisível*. E pensar que o filme original, *A Aldeia dos Amaldiçoados*, é um dos prediletos de Carpenter...

FUGA DE LOS ANGELES (1996)

Próximo!

VAMPIROS (1998)

Carpenter quase engatou a segunda aqui, armando um clima interessante com a história de um grupo de caça-vampiros patrocinado pelo Vaticano. Mas a ótima primeira meia hora logo dá lugar à rotina.

ENCAIXOTANDO

Confira por que James Bond é o "dono" da série mais duradoura do cinema com esta caixa de luxo que reúne os dezenove filmes oficiais do espião inglês

007 é o herói mais popular do cinema, por razões que a gente está careca de saber: além de dirigir os melhores carrões, utilizar armas secretas de dar inveja ao Inspetor Bugiganga e ter licença para matar, Bond já faturou as mulheres mais gostosas da telona – Ursula Andress, Britt Ekland, Teri Hatcher e Denise Richards foram algumas das beldades que fizeram um pitstop na cama do espião.

O superagente viveu dezenove aventuras no cinema – isso, se não contarmos *Cassino Royale* e *Nunca Mais Outra Vez*, rodados por companhias rivais – e prepara-se para estrelar o seu vigésimo filme, novamente interpretado por Pierce Brosnan. Isso tudo, você já sabe. A novidade é que todos os filmes do herói estão sendo relançados em DVD pela Fox, um pacotão de luxo que vai testar o seu controle sobre o cartão de crédito.

Altos e baixos

A cinessérie mais duradoura do cinema começou em 1962, depois que o ex-presidente americano John Kennedy declarou serfã de carteirinha do agente secreto criado pelo escritor Ian Fleming. Os direitos dos livros foram adquiridos por dois produtores espertalhões, Albert Broccoli e Harry Saltzman, que uni-ram esforços na produção de *007 contra o Satânico Dr. No*, o primeiro filme da série.

A aventura era estrelada por um ilustre desconhecido – Sean Connery, que já havia feito de tudo um pouco na vida (inclusive, trabalhar como salva-vidas, lustrador de caixões e motorista de caminhão). Connery não tinha o sotaque aristocrático do personagem e preferia uma cervejinha gelada a um Martini seco – mas agradou no papel do espião,

Faces do Mal

007 combateu uma infinidade de supercriminosos – de terroristas a megalomaníacos, passando por espiões duplos e psicopatas. Confira os mais célebres antagonistas de Bond, James Bond:

Ernest Stavro Blofeld

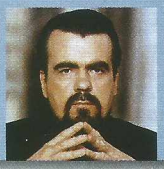
(Donald Pleasence, Telly Savallas e Charles Gray)
Filmes: *Moscou contra 007, 007 contra a Chantagem Atômica, Com 007 Só Se Vive Duas Vezes, 007 – Os Diamantes São Eternos* e *007 Somente para Seus Olhos.*
Plano(s) diabólico(s): Blofeld é o chefão da organização SPECTRE (Sociedade Política Especializada em Contra-Espionagem, Terrorismo, Rapinagem e Extorsão), responsável por inúmeros crimes contra a humanidade e pela morte da mulher de James Bond, Tracy.

Dr. No

(Joseph Wiseman)
Filme: *007 contra o Satânico Dr. No.* Plano diabólico: alterar as rotas dos foguetes norte-americanos.

Auric Goldfinger

(Gert Froebe)
Filme: *007 contra Goldfinger*
Plano diabólico: explodir uma bomba nuclear dentro do Fort Knox, reserva de ouro do governo americano.



Hugo Drax

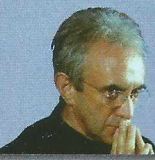
(Michael Lonsdale)
Filme: *007 contra o Foguete da Morte.* Plano diabólico: bombardear a Terra com ogivas de veneno, eliminar a humanidade e repovoar o planeta com uma super-raça.

Mr. Big

(Yaphet Kotto)
Filme: *Com 007 Viva e Deixe Morrer.* Plano diabólico: despejar uma tonelada de heroína no "mercado" de entorpecentes dos EUA e se tornar o maior traficante do país.

Emilio Largo/ Número 2

(Adolfo Celi)
Filme: *007 contra a Chantagem Atômica.* Plano diabólico: explodir bombas atômicas em cidades dos EUA e da Europa, caso não receba 100 milhões de dólares.



Elliot Carver

(Jonathan Price)
Filme: *007 – O Amanhã Nunca Morre.* Plano diabólico: dar início a uma guerra entre a Grã-Bretanha e a China, com o intuito de incrementar os índices de audiência de seu império de comunicação.

BOND

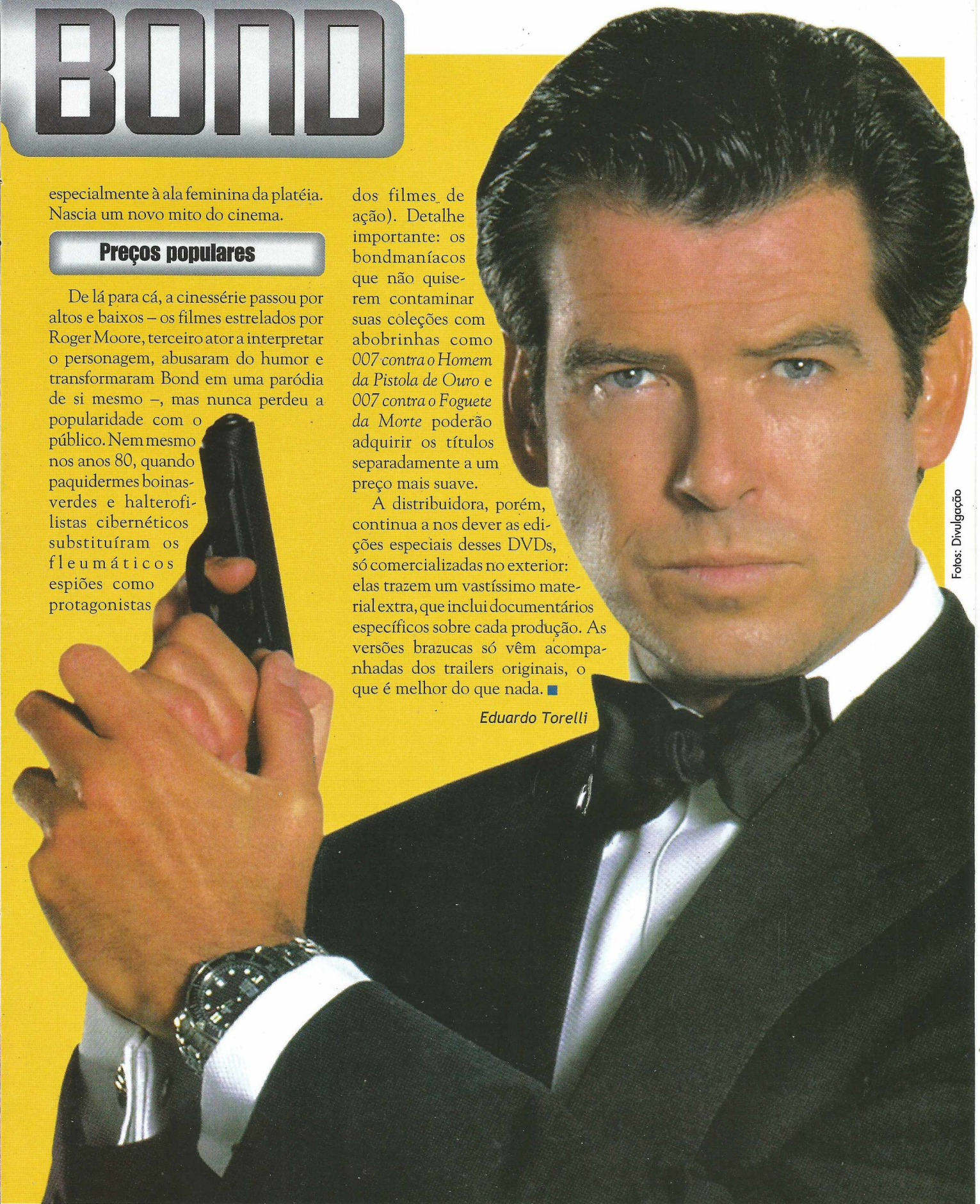
especialmente à ala feminina da platéia. Nascia um novo mito do cinema.

Preços populares

De lá para cá, a cinessérie passou por altos e baixos – os filmes estrelados por Roger Moore, terceiro ator a interpretar o personagem, abusaram do humor e transformaram Bond em uma paródia de si mesmo –, mas nunca perdeu a popularidade com o público. Nem mesmo nos anos 80, quando paquidermes boinas-verdes e halterofilistas cibernéticos substituíram os fleumáticos espiões como protagonistas dos filmes de ação). Detalhe importante: os bondmaníacos que não quiserem contaminar suas coleções com abobrinhas como *007 contra o Homem da Pistola de Ouro* e *007 contra o Foguete da Morte* poderão adquirir os títulos separadamente a um preço mais suave.

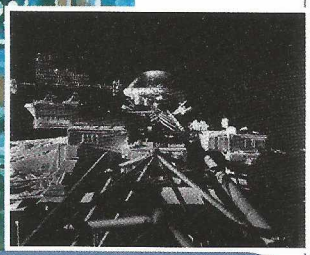
A distribuidora, porém, continua a nos dever as edições especiais desses DVDs, só comercializadas no exterior: elas trazem um vastíssimo material extra, que inclui documentários específicos sobre cada produção. As versões brazucas só vêm acompanhadas dos trailers originais, o que é melhor do que nada. ■

Eduardo Torelli

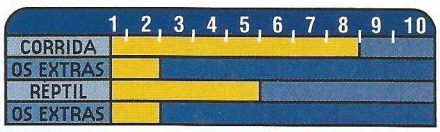


Fotos: Divulgação

Bruce Dern: de fato, o futuro não parece nada promissor



Nostalgia Pura

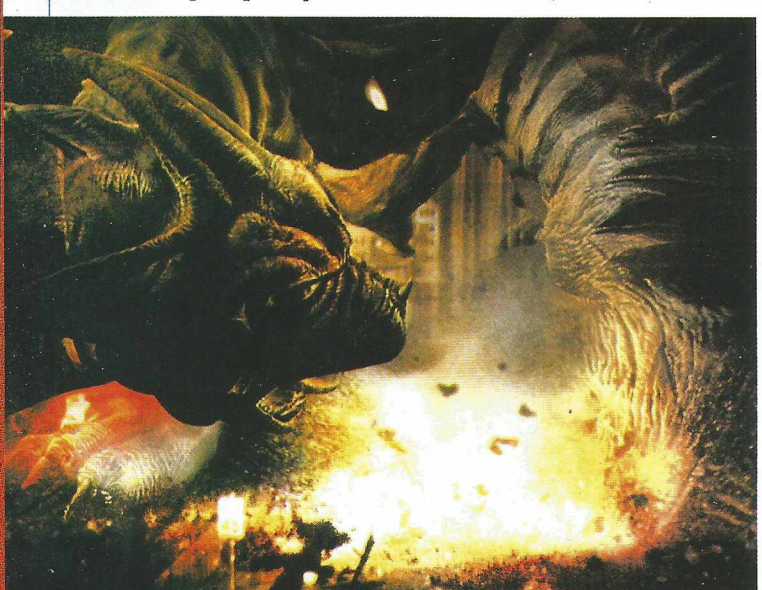


O tema é batido, mas quem se importa? Desde o surgimento do cinema, diretores de várias nacionalidades preocuparam-se com a questão da colonização do espaço (que, em última análise, poderia assegurar a sobrevivência da humanidade no futuro, já que a Terra parecia mesmo fadada a padecer sob os efeitos da poluição e do esgotamento das reservas naturais). De George Mélies a Stanley Kubrick, muitos cineastas tentaram nos mostrar como seria esse futuro. Isto é: até a Guerra Fria acabar, a corrida espacial entrar em colapso e todos aqueles lindos sonhos irem para o vinagre.

Em 1971, estreando na direção, o técnico em efeitos especiais Douglas Trumbull (responsável pelas trucagens de *2001 – Uma Odisséia no Espaço* e *Contatos Imediatos do 3º Grau*) ofereceu ao público uma visão curiosa do tema: *Corrida Silenciosa*, às vezes apontado como uma das melhores produções do gênero realizadas no período. A trama mostra a jornada solitária de um cientista (Bruce Dern) pelo espaço, e seu esforço para preservar as últimas espécies vegetais da Terra, há muito devastada pela poluição.

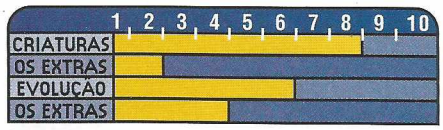
O filme é memorável por diversas razões: em primeiro lugar, foi um dos pioneiros a levar a consciência ecológica para o gênero; além disso, pavimentou a rampa de acesso de andróides como R2-D2 e C-3P0 à tela grande – os companheiros de viagem do mocinho são máquinas inteligentes e dotadas de iniciativa, como os dróides de *Star Wars*. Assim como a maioria dos filmes do gênero perpetrados naquele período, este aqui é carregado de sensíveis observações sociológicas – que em nenhum momento descambam para o discurso radical-filantrópico, estragando o espetáculo. Se não for por suas qualidades técnicas (o roteiro é bem amarrado e os efeitos especiais são bacanas), *Corrida Silenciosa* merece ser assistido em nome da nostalgia. É pena que o disquinho digital não traga nenhum extra.

Do outro lado do espectro, em um patamar menos exigente – mas igualmente nostálgico – está *Réptil*, aventura que resgata a essência dos velhos filmes sobre monstros atômicos e formigas gigantes que insistiam em atacar Tóquio e Nova York nos anos 50. A história: ser antediluviano (o réptil do título) é acordado de um sono de 1 milhão de anos por extraterrestres, que pretendem usar a criatura para exterminar a humanidade. O ponto de partida é tão picareta quanto os efeitos especiais, mas o filme tem mais personalidade e carisma do que qualquer *Godzilla* produzido nos EUA. Esta edição em DVD está no formato de tela widescreen e traz notas de produção e sobre o elenco. Em tempo: Harrison Young, astro desse filme, deve ter afinidade com répteis, já que também trabalhou no recente *Crocodilo*, dirigido por Tobe Hooper (*O Massacre da Serra Elétrica*). Experimente – mais uma vez, em nome da nostalgia. ■



***Réptil*: monstrão antediluviano, extraterrestres e o fim do mundo – quem quer mais?**

SILENT RUNNING, EUA, 1971. DE DOUGLAS TRUMBULL. COM BRUCE DERN, CLEEF POTTS. 89 MIN. UNIVERSAL. *REPTILIAN*, CORÉIA DO SUL, 1999. DE SHIM HYUNG RAE. COM HARRISON YOUNG, DONNA PHILLIPSON. 99 MIN. COLUMBIA.



Fotos: Divulgação

ARREPIOS E GARGALHADAS

O termo "terrir" foi inventado pelo cineasta brasileiro Ivan Cardoso (diretor de *O Segredo da Múmia* e *As Sete Vampiras*), mas também pode ser utilizado para definir algumas produções rodadas na gringolândia. Uma delas é *As Criaturas Atrás das Paredes*, de Wes Craven – criador das séries *A Hora do Pesadelo* e *Pânico*. Neste filme legalzinho e despretensioso, moleque invade uma sinistra mansão em busca de tesouro e mergulha em um mundo povoado por seres horripilantes que rastejam pelo sótão, porão e demais dependências da propriedade. É como se o diretor das podreiras *Shocker* e *Aniversário Macabro* tivesse rodado sua própria versão de *Os Goonies*.

A grande ironia nem está no filme, mas no modo como este foi interpretado por parte da crítica: uma das "teorias" sobre a produção era a de que Craven estava realizando um "estudo" metafórico sobre a puberdade (centrado na figura do menino), e que o "estilo de vida" dos monstrengos do filme era uma sátira ao *american way of life* no início dos anos 90... Fazer o quê, a imprensa é livre, todo mundo tem o direito de opinar. O que importa mesmo é que *As Criaturas Atrás das Paredes* é pura diversão, e que seus excessos são redimidos pela indiscutível inventividade do enredo, repleto de humor macabro. O único "senão" deste lançamento – imperdoável, por sinal – é a total ausência de extras.

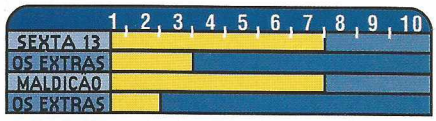
Difícil é ser tão benevolente com as mancadas de *Evolução*, comedinha que tenta ressuscitar os maneirismos da cinessérie *Os Caça-Fantasmas*, iniciada em 1984. E pensar que *Ghostbusters* foi dirigido pelo mesmo cara – Ivan Reitman, que já soube misturar humor e gargalhadas em uma única história sem causar indigestão na platéia, mas que deve ter batido a cabeça feio de lá para cá, esquecendo como o truque funcionava. A única boa piada de *Evolução* é ver David Duchovny (o Mulder de *Arquivo X*) parodiar o seu papel na famosa telessérie de Chris Carter – a trama também versa sobre a investigação de formas de vida alienígenas, mas em um tom absolutamente paspalhão. Outro trunfo do filme é a presença de Julianne Moore, interpretando o interesse romântico do mocinho. Passa na recuperação – e olhe lá. Para quem curtiu o filme, uma boa e uma má notícia: o DVD tem alguns extras, mas nenhum deles é legendado. ■

As *Criaturas* de Craven: hormônios em ebulição?

***Evolução*: humor paspalhão e rimado**

PEOPLE UNDER THE STAIRS, EUA, 1991. DE WES CRAVEN. COM BRANDON QUINTIN ADAMS, EVERETT MCGILL. 102 MINUTOS. UNIVERSAL.
EVOLUTION, EUA, 2001. DE IVAN REITMAN. COM DAVID DUCHOVNY, JULIANNE MOORE. 101 MINUTOS. COLUMBIA.

FEIOS, SUJOS E MALDITOS



Ok: ninguém em sã consciência questiona o fato de que a série *Sexta-Feira 13* é uma baixaria, senão um desperdício de celulóide – afinal, haja cara-de-pau por parte desse tal de Jason para ser esfaqueado, eletrocutado e picotado um sem-número de vezes e, ainda assim, continuar a dar as caras nos capítulos da série (todos eles, muito toscos – à exceção do novo *Jason X*). Qual é a desse cara? Além disso, as interpretações dos filmes são risíveis, a continuidade é estapafúrdia e a fotografia e os cenários lembram as bombas produzidas no Brasil no período do Cinema Novo (o pessoal só fala em Zé do Caixão e se esquece de que o maior diretor de filmes de horror nascido neste país foi Glauber Rocha).

E olha, meu... Apesar de tudo isso, esses filmes têm lá o seu charme. Talvez a graça esteja na inocência da coisa, no senso de improvisação que transpira (ou goteja?) desta série. Digam o que disserem sobre Jason, o pinel da máscara de hóquei sabia prender a atenção de uma platéia. Este poder foi exercido com muita propriedade no melhor e mais memorável capítulo da saga, *Sexta-Feira 13 – Parte 2*, que finalmente está saindo em DVD no Brasil. Bom, é claro que ninguém se lembrou de chamar o Warrington Gillette (intérprete de Jason neste filme) para comentar a produção – um filme tão trash não merece esta pompa e, depois, ninguém gosta de se lembrar que já precisou fazer esse tipo de coisa para ganhar um tutu. O que importa é que o filme estreou no formato digital e isso é motivo de comemoração para a rapaziada chegada a uma podreira explícita, com direito a muitas mortes criativas e litros de *ketchup* jorrando na tela. Tá bom, tá bom, seus maníacos: o disquinho traz, de lambuja, o trailer original da produção (por sinal, tão podreira quanto o filme).

Que meigo: Jason é o filho que toda mãe gostaria de ter

Jason não é o único *muso gore* da estação. Outro lançamento imperdível é *A Maldição dos Mortos-Vivos*, filme estrelado por Bill Pullman e dirigido por Wes Craven. O protagonista é pesquisador da Universidade de Harvard que viaja ao Haiti para descobrir o segredo da prática do vodu – a "macumba" local, capaz de transformar homens em zumbis. É claro que o mocinho tropeça em uma conspiração sobrenatural e... bem, para aguçar o paladar do leitor (você mesmo), o slogan original do filme era: "Não me enterrem... Eu estou vivo!!!" Craven fez este filme antes de virar um diretor "chique" com os pasteurizados filminhos da série *Pânico* – época em que tudo podia acontecer. Vai para o trono ou não vai? Vaaaaaai... ■

***Maldição*: Pullman na época que Wes Craven era um cara legal**

Fotos: Divulgação

FRIDAY THE 13TH – PART 2, EUA, 1981. DE STEVE MINER. COM AMY STEEL, JOHN FUREY. 87 MIN. PARAMOUNT. *THE SERPENT AND THE RAINBOW*, EUA, 1988. DE WES CRAVEN. COM BILL PULLMAN, CATHY TYSON. 98 MIN. UNIVERSAL.

FEITOS PARA A TV

As Brumas de Avalon

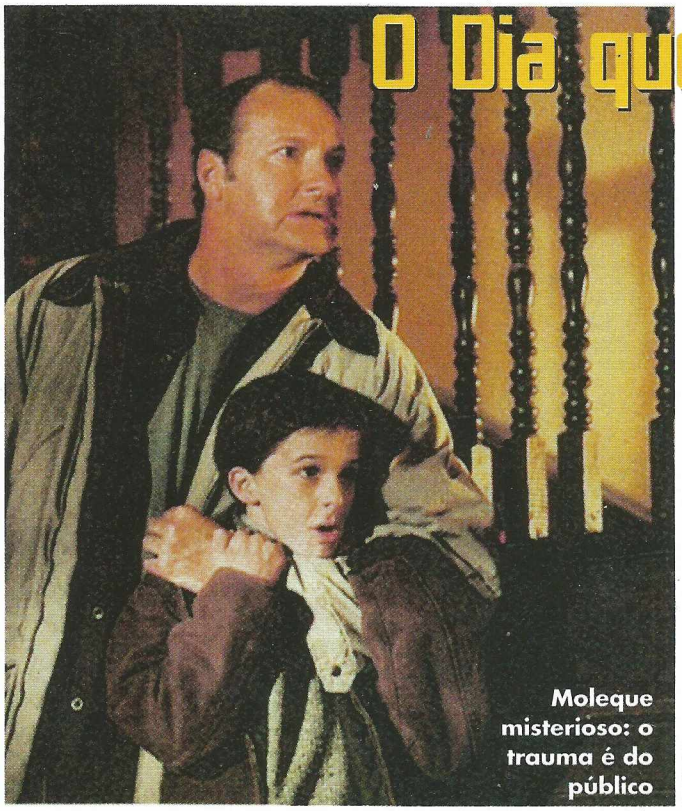
Com a chegada de O *Senhor dos Anéis* ao cinema, o tópico da espada e magia está em alta. Isso talvez explique porque só agora o *best-seller* de Marion Zimmer Bradley migrou para outra mídia – no caso, a telinha, por meio desta minissérie exibida pelo canal TNT. O filme teve o mérito de agradar tanto aos neófitos do assunto quanto aos fãs hardcore da novela original (que conta a história do ciclo arturiano sob a perspectiva das mulheres).

Trata-se de uma produção caprichada, estrelada por Anjelica Houston (vivendo a Senhora do Lago), Julianna Margulies (Morgana) e Samantha Mathis (Guenevere). Assim como o livro, o filme retrata o declínio do paganismo e mostra a prática da bruxaria sob uma ótica diferente. O forte do espetáculo é o cuidado da adaptação, que mantém intacta a atmosfera mágica do romance. Experimente. ■

Avalon: tal qual o livro – o que é muito bom!

Fotos: Divulgação

O Dia que o Mundo Acabou



Moleque misterioso: o trauma é do público

Lembra de uma moça chamada Nastassja Kinski, que virou símbolo sexual na década de 80 e abrilhantou filmes como *A Marca da Pantera*? Pois é, Nastassja continua tão bela quanto naquela época, mas sua carreira não deve andar lá essas coisas. Do contrário, a atriz não teria estrelado esta picaretagem co-produzida por Stan Winston (o mago dos efeitos especiais, responsável pelos dinos de *Jurassic Park*).

A história é um primor de originalidade: fugindo à loucura da cidade grande (oh!), psicóloga infantil chega a pequeno vilarejo, cujos habitantes morrem de medo de um garotinho que afirma descender de extraterrestres (!). Nastassja, que não é boba, desconfia que o menino possa ser vítima de um trauma e tenta ajudá-lo com sessões de análise. Incrivelmente, o filme melhora quando um monstro alienígena surge do nada, derrubando portas, trucidando caipiras incautos e deixando um rastro de gosma por onde passa (ieeerc!). O que mata, mesmo, é a conclusão maluca – a teoria sobre o aparecimento do monstro é tão confusa que deveriam chamar o Dr. Dráusio Varella para explicá-la. Dica: assista com o dedão no *fast foward*, curtindo só as melhores partes. ■

THE MISTS OF AVALON, EUA, 2001. DE ULI EDEL. COM ANJELICA HOUSTON, JULIANNA MARGULIES. 183 MIN. WARNER. *THE DAY THE WORLD ENDED*, EUA, 2001. DE TERENCE GROSS. COM RANDY QUAID, NASTASSJA KINSKI. 100 MIN. COLUMBIA.

TV

O Feitiço de Alyssa

Fotos: Sony

Quando dois egos fortes colidem, não há reza brava – ou feitiço – capaz de restabelecer a ordem. Dizem as más línguas que as "vibrações" há tempos não andavam boas nos cenários de *Charmed*, mas a crise envolvendo as protagonistas da popular telessérie só se tornou pública recentemente, quando a brigona Shannen Doherty (que já fizera esse truque há alguns anos, só que com seus companheiros de elenco de *Barrados no Baile*) pediu demissão do programa, alegando que a convivência com as outras atrizes – especialmente com Alyssa Milano – não estava nada "encantada".

Neste bate-papo, Alyssa dá a sua versão do ocorrido e satisfaz o ímpeto fofoqueiro que se esconde nos corações de todos os mortais. Acalmada a tempestade nos bastidores do programa, a atriz revela que está vivendo um dos melhores momentos de sua carreira.

Por Honie Stevens

Desde que deixou a série, Shannen Doherty tem dito cobras e lagartos sobre você. Isso a surpreende?

Francamente, sim. As coisas iam tão bem...

Como era seu relacionamento com ela no set?

Éramos como irmãs. Às vezes, irmãs brigam, e isso é uma pena. Mas quando você submete um grupo de pessoas a uma situação de forte estresse durante 14 horas diárias, alguém sempre acaba se machucando.

Você brigou com a Shannen?

Não gosto de confrontar as pessoas. Vamos dizer que sempre fomos muito profissionais.

Como está sendo trabalhar com Rose McGowan, a sua "nova" irmã na série?

Rose é muito inteligente e tem uma energia contagiante. Ela adora Shirley Temple, já viu todos os filmes dela.

Então, você está satisfeita com o programa?

Charmed é a melhor coisa que já fiz na vida. Tenho a reputação de abraçar os projetos com os quais me envolvo. Então, acho que ficarei na série até o fim.

Mas a sua carreira cinematográfica

estava começando a deslanchar... O que a fez voltar à TV?

No começo, tinha dúvidas se esta era a decisão certa, mas gosto da sensação de poder voltar para casa no fim do dia, de dormir em minha própria cama e de não ter de ficar me preocupando com as locações. Além disso, os atores são muito bem tratados nos programas de TV.

Em que você difere de sua personagem, Phoebe?

Ela leva a vida de forma bem descompromissada. Eu, por outro lado, nunca tive muito tempo livre, pois trabalho desde os 7 anos.

E a que você atribui o fascínio que a feitiçaria exerce atualmente sobre as pessoas?

As religiões atuais não fazem a cabeça da garotada de hoje. As pessoas querem acreditar em algo diferente.

Quais são as suas crenças pessoais?

Acredito em tudo! Fui criada dentro da religião Católica, mas agora me identifico mais com o Budismo. Mas não sou devota praticante de nenhuma religião.

Você é supersticiosa?

Eu bato na madeira três vezes quando não quero que algo ruim aconteça.

É verdade que, por um breve período de tempo, você foi casada com o músico Cinjun August Tate?

É uma história tão clichê, não é? Atriz casa-se com músico, de quem se divorcia em apenas onze meses... Acho que foi um erro – jamais deveríamos ter arriscado ser algo além de bons amigos. Foi um período difícil para mim, mas sinto-me tão abençoada em outros aspectos da vida que quase não fiquei triste com o que aconteceu.

E agora, você está namorando um ator de *Charmed*, Brian Krause...

Sim. Nós nos conhecemos há sete anos. Mas, naquela época, ele era inatingível, pois era casado. Ele e a esposa separaram-se no último mês de novembro.

O que você procura em um cara?

Senso de humor, em primeiro lugar. Gosto que meu companheiro me faça sorrir. No que se refere à aparência, gosto de homens com aspecto juvenil – tipo o George Clooney, que tem cara de menino, apesar de já ter seus 40 anos.

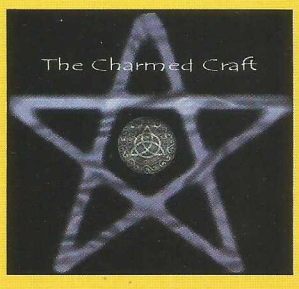
É verdade que você teve uma carreira como cantora no continente asiático?

Pois é. Quando tinha 15 anos, o filme *Comando para Matar*, no qual interpretei a filha de Arnold Schwarzenegger, foi exibido no Japão. Dei muitas entrevistas para os jornais de lá, falando sobre a possibilidade de estrelar *Annie*. Algum executivo da música deve ter lido as entrevistas e achou que eu tinha aptidão para a música. No fim, ganhei quatro discos de platina, e até lançaram uma coletânea com meus grandes sucessos! (*risos*) ■

Com um trio assim, quem sente falta da "feiticeira"?

Para quem pegou a vassoura andando...

A série *Charmed* estreou discretamente na Sony do Brasil em março de 1999. Misturando ação, romance, humor e paranormalidade, o programa rapidamente se diferenciou de seus similares (como *Buffy, a Caça-Vampiros* e *Angel*) e se tornou um dos mais assistidos do canal.



Originalmente, *Charmed* contava as aventuras de Prudence, Piper e Phoebe – três irmãs descendentes de uma antiga linhagem de bruxas, incumbidas de proteger os inocentes na luta do Bem contra o Mal. O trio, interpretado por Shannen Doherty, Holly Marie Combs e Alyssa Milano, protagonizou três temporadas de sucesso, em um total de 66 episódios.

Recentemente, Shannen se desentendeu com Alyssa e deixou a série – o rififi foi tão feio que as duas só se comunicavam através de suas personagens, o que não deixa de ser hilariante –, forçando os produtores e roteiristas a matarem a bruxa-Shannen. Rose McGowan a substituiu e está se saindo muito bem como Page, a irmã Halliwell "perdida".

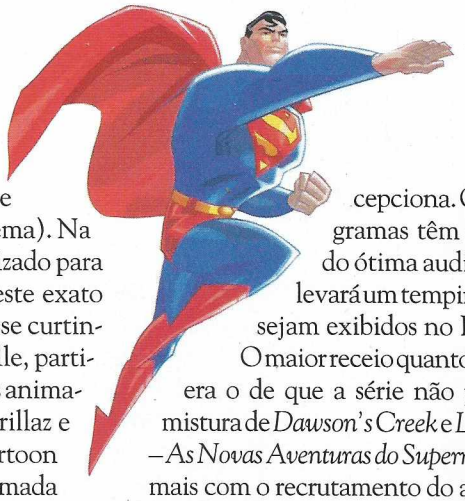
Produzido pela Spelling Television (responsável por sucessos como *Barrados no Baile* e *Melrose Place*, entre outros), *Charmed* é exibida todas as quintas às 22h00, com reprises na madrugada de sexta, às 3h00, e aos domingos, às 18h00.

Paulo Maffia

Clark Kent seu amigo... vai salvá-lo do perigo...

AS DUAS FACES DO SUPER-HOMEM

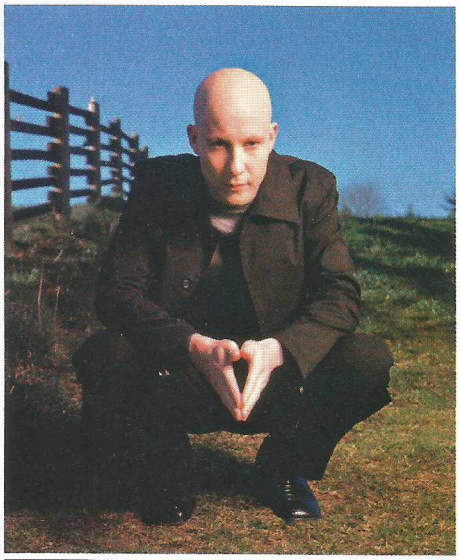
Sucesso das séries *Smallville* e *Liga da Justiça* prova que o famoso herói dos quadrinhos está curtindo sua melhor fase na televisão



O bom e velho Super-Homem voltou a ser notícia. Não estampando a capa do jornal fictício O *Planeta Diário*, mas dando o que falar nas redes de TV dos EUA. Depois de protagonizar inúmeras séries desde os anos 40, o personagem da DC Comics volta a atacar em duas frentes bem diferentes. A primeira – no canal pago War-ner – mostra o herói em sua fase "colegial". Mas não se engane: a história não se passa nos anos 60 ou 70 (como seria de imaginar, levando-se em conta os filmes para o cinema). Na verdade, o programa foi atualizado para os dias de hoje – como se, neste exato momento, Clark Kent estivesse curtindo sua juventude em Smallville, participando de festinhas noturnas animadas e ouvindo músicas de Gorillaz e Weezer. A segunda – no Cartoon Network – é uma versão animada de *Liga da Justiça*, onde o Azulão é apenas um coadjuvante, mas não decepciona. Os dois programas têm conquistado ótima audiência, mas levará um tempinho até que sejam exibidos no Brasil.

O maior receio quanto a *Smallville* era o de que a série não passasse da mistura de *Dawson's Creek* e *Lois & Clark – As Novas Aventuras do Superman*. Ainda mais com o recrutamento do ator novato e ex-modelo Tom Welling para o papel do jovem Kent. Porém, bastou o episódio

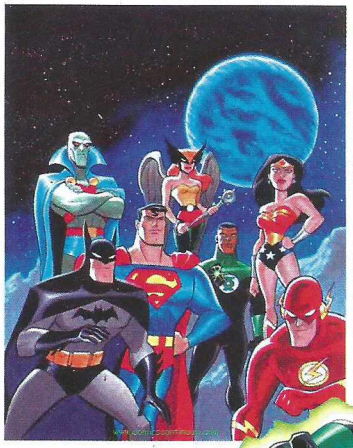
piloto ser exibido para os ânimos dos críticos mais ranzinzas se acalmarem. Ainda haviam correções a ser feitas, mas o início foi promissor e ousado. A série reinventava o passado do personagem, deixando de lado qualquer menção ao Superboy (ou ao Supercão, que chegou a acompanhá-lo nas HQs e em um desenho animado). *Smallville* ainda teve coragem de transformar Lex Luthor no melhor amigo do herói!



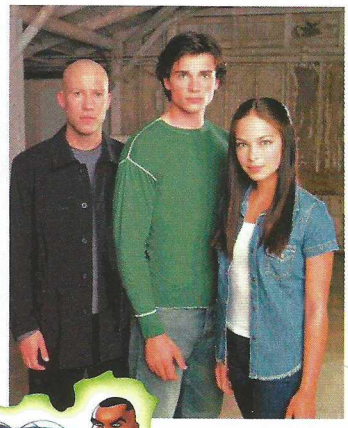
O começo: Clark testa seus poderes e ganha a amizade de Lex Luthor

Chegada barulhenta

Tudo começa em 1989, quando a nave do pequeno Kal-El chega à Terra. A novidade? Bem, junto com ela, aterrissam por aqui pedaços de Kripton, que fazem o maior estrago em Smallville. Na confusão, os pais da pequena Lana Lang são mortos e Lex Luthor perde os cabelos (tudo por causa dos meteoritos do planeta de Super-Homem!). O resto da história é fiel à mitologia original do Azulão: Martha (Annette O'Toole, que coincidentemente interpretou Lana Lang em *Superman 3*) e Jonathan Kent (John Schneider, da antiga série *Os Gatões*) encontram a criança do espaço e a adotam.



Heróis em ação: a Liga da Justiça é imbatível na telinha

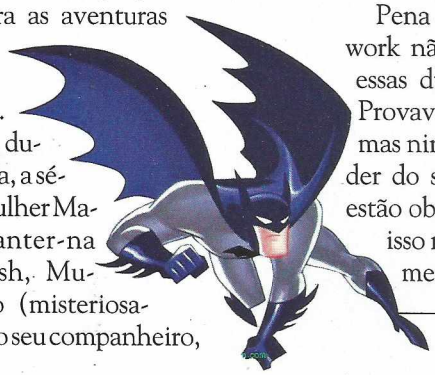


A ação pula para o presente, mostrando Kent como um jovem tímido que tenta descobrir por que tem habilidades sobre-humanas. Para complicar, a chegada do herói à Terra espalhou kriptonita por todos os lados – o que acabou criando dezenas de vilões para o futuro Super-Homem combater. A verdade é que *Smallville* encontrou o tom certo entre a fantasia e o drama juvenil, depois de um início meio irregular. A relação ambígua entre Kent e Luthor é bem explorada, assim como o seu amor platônico por Lana. Não é para menos que a série é a campeã de audiência no canal da Warner.

Animação séria

Em primeiro lugar, não confunda *Liga da Justiça* com *Superamigos*, série de 1973, que permaneceu no ar até 1985 nos EUA obteve bastante sucesso – também no Brasil – e até rendeu uma produção com atores de verdade, liderados por Adam West (que, felizmente, não chegou a ser exibida por aqui). Mas nessa nova Liga não há Supergêmeos ou coisas do gênero. A adaptação segue mais ou menos o texto original das HQs, com um tom mais sério, desenhos mais simples e animação ágil.

A produção é do mesmo Bruce Timm que já havia feito adaptações televisivas bacanas para as aventuras do Super-Homem e do Batman. Além desta dupla da pesada, a série reúne Mulher Maravilha, Lanter-na Verde, Flash, Mulher-Gavião (misteriosamente, sem o seu companheiro, Gavião Negro) e Ajax – O Marciano. Lançado pelo Cartoon Network, os primeiros episódios bateram todos os recordes de audiência do canal. Para cativar o público, Timm teve a idéia de dividir cada história em dois ou três episódios – com exceção do piloto de uma hora, que foi exibido de uma só vez.



Pena que a Warner e o Cartoon Network não saibam exatamente quando essas duas séries chegarão ao Brasil. Provavelmente, será ainda este ano, mas ninguém sabe ao certo. Se depender do sucesso que os dois programas estão obtendo lá fora, pode apostar que isso não demorará a acontecer. Pelo menos é isso o que os fãs esperam.

Ricardo Matsumoto

HQ

A ERA DAS TREVAS

Quinze anos depois de mudar a cara dos quadrinhos modernos, Frank Miller tenta repetir a dose com a continuação de Batman – O Cavaleiro das Trevas

Muita coisa mudou em quinze anos. O mundo não é mais dividido em capitalistas e comunistas; a União Soviética não existe mais; os Estados Unidos se mantiveram como o país mais poderoso do planeta, apesar de se mostrarem frágeis na segurança interna; a Internet foi criada e revolucionou o sistema de comunicação e da liberdade de informação; e até mesmo o Brasil não é mais o país do futebol. Muita coisa mudou em quinze anos, é verdade. É isso que prova O *Cavaleiro das Trevas 2* (*DK2*), o retorno de Frank Miller à obra que transformou os quadrinhos modernos na metade dos anos 80: a continuação não tem o mesmo impacto de *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, mesmo sendo uma história à altura do mito pop que se tornou o morcegão neste período entre o original e sua seqüência.

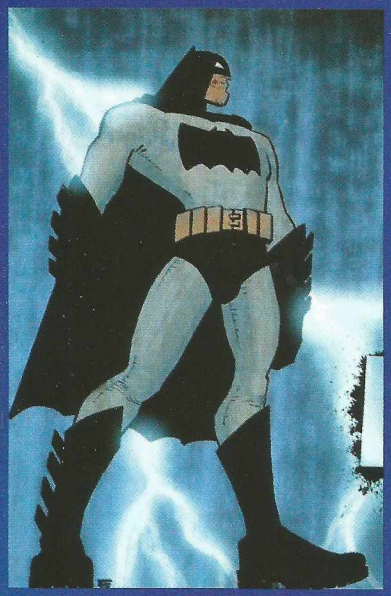
Se a trama não é o marco mais recente do novo milênio, a expectativa o é. Custando cerca de 8 dólares, enfrentando um mercado em recessão e batendo de frente com a época de Natal, o primeiro capítulo de O *Cavaleiro das Trevas 2* (teremos mais dois, cada um com 85 páginas) se tornou a revista em quadrinhos mais vendida dos últimos cinco anos.

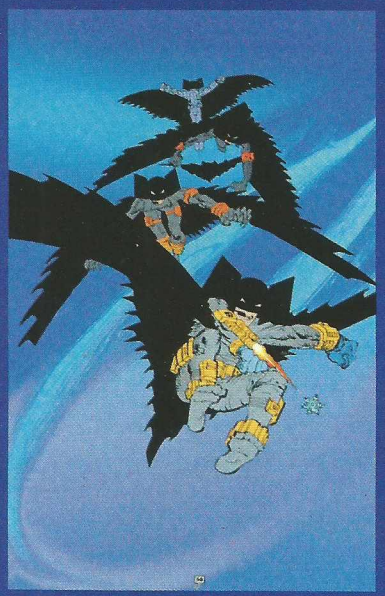
Dejetos sociais

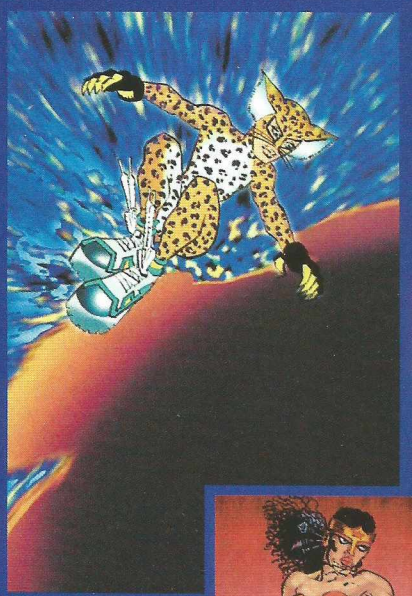
O gibi recebeu chamada de capa da *Entertainment Weekly*, que também publicou um preview de três páginas dentro da matéria. Prometida para fevereiro no Brasil, a obra ainda será o ponto de partida – e esperança-mor – da nova fase da Abril Jovem com a DC Comics, já que a editora não mais publica a concorrente Marvel, nas mãos da Panini.

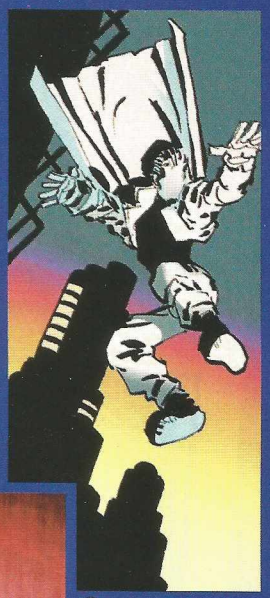
O peso da responsabilidade parece não ter abalado o desenhista e roteirista Frank Miller. Ele enfrentou críticas de outros autores – Alex Ross, pintor de *Marvels*, o acusou de aceitar o projeto para poder comprar uma cobertura em Nova York – e o receio dos fãs, que se indagavam sobre a necessidade de existir continuação para uma das maiores obras-primas das HQs. Trancou-se com sua genialidade, manteve a mulher, Lynn Varley, à frente da

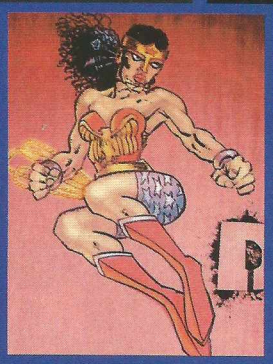
Divulgação











Caos urbano: os heróis se unem a Batman em sua nova cruzada

colorização e confiou nos cuidados do editor Bob Schrek, com quem trabalhou na Dark Horse. O resultado é uma minissérie que começa despretensiosa, de linguagem muito mais acessível e estranha.

À princípio, *DK2* lembra muito a premissa de *V de Vingança* – que lembra *1984*, de George Orwell: três anos depois de sua "fatídica" luta contra o Super-Homem, Batman observa – de dentro de sua caverna – o fascismo e a hipocrisia tomarem conta dos Estados Unidos. Os cidadãos estão felizes com os salários altos. As cidades parecem livres dos dejetos sociais. O mundo está em paz. Mas a que custo? "Claro que estamos em paz. Matamos todo mundo que não concorda conosco", afirma o âncora Jimmy Olsen (talvez, a melhor surpresa da revista) num debate político na TV. O recado é claro e atual para a política interna norte-americana, que se torna cada vez mais direitista por meio de campanhas de limpeza social arbitrárias – na qual a sujeira é jogada embaixo do tapete das grandes cidades.

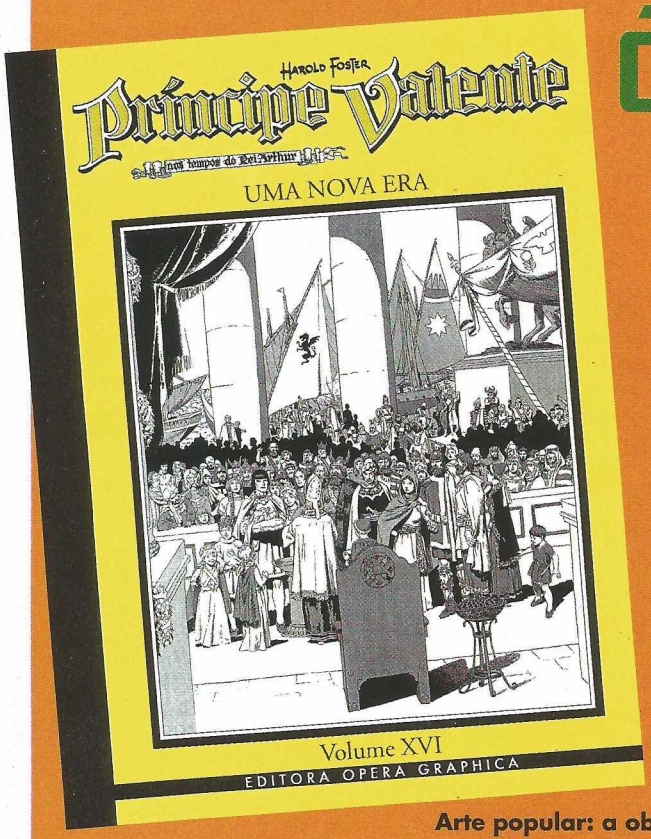
Batboys

O Cavaleiro das Trevas não está satisfeito com a situação. Os heróis sumiram da face da Terra e ninguém sabe onde eles estão. Uma caçada precisa ser levada a cabo e nada como ter o maior detetive do planeta no comando da investigação. Nesse momento, a minissérie entrega momentos memoráveis. Eléktron, Flash, O Questão... Miller mostra o que o governo fez com cada um deles. Na busca, Batman nunca participa. O velhão faz uso de seu exército comandado pela Catgirl (a Robin de *Cavaleiro das Trevas*), perfeita ao manter a cabeça da velha gangue dos mutantes, transformada em "batboys". Batman, mesmo, somente na última página.

Os admiradores da arte de Miller não ficarão desapontados. O estilo segue sua evolução natural e está mais perto de *Sin City* e longe de seu traço oitentista. No entanto, a grande surpresa negativa foi a colorização: Varley preferiu usar computadores ao invés da aquarela, proporcionando um espetáculo digital exagerado e confuso em várias páginas. O Super-Homem é tratado de forma ainda mais patética, até mesmo nos desenhos. Quando o kriptoniano aparece, suas formas se tornam rascunhadas, sujas. A intenção era essa, claro. Porém, Miller vai precisar suar um pouco mais a camisa nos capítulos restantes. De qualquer maneira, pelo menos teremos Batman de página a página.

Rodrigo Salem

A volta de um marco dos quadrinhos



Arte popular: a obra de Foster era um deleite visual

Como palha ao vento, os bandidos mal armados desaparecem, e no silêncio Arn fala: — *Boa noite, Milorde!* — diz com elaborada calma — *Vamos descer para o jantar?* — *Sim, canastrão!* — responde-lhe o pai.

Em 1974, a saudosa Ebal (Editora Brasil América) iniciou a publicação das aventuras do Príncipe Valente, do virtuose Harold Foster, na íntegra e em seu formato original – 28 x 36 cm. O resultado foi uma coleção de álbuns belíssimos, com acabamento poucas vezes visto no Brasil. No entanto, depois de lançar quinze livros, a Ebal encerrou suas atividades em 1995, extirpando dos leitores a esperança de um dia ver o final da saga do Príncipe Valente. Felizmente, eles estavam errados.

A Editora Opera Graphica, seis anos depois, aceitou um desafio louvável: não só continuará a publicação do ponto exato onde havia parado, como reproduzirá as características gráficas dos álbuns da Ebal. O seu primeiro livro (o 16º da coleção), intitulado *Uma Nova Era*, traz as primeiras incursões do jovem príncipe Arn, primogênito de Valente, que acompanha o pai numa aventura no Oriente.

As histórias do Príncipe Valente são um autêntico deleite visual. Os originais de Harold Foster (canadense que morreu em 1982) eram feitos em pranchas com mais de um metro de altura e 60 cm de largura, com uma meticulosidade espantosa.

Batalhas de tirar o fôlego

Com grande conhecimento de anatomia e domínio incrível das técnicas de preto-e-branco, suas cenas de ação – especialmente as batalhas – são de tirar o fôlego. Mas não era só o desenho que encantava. Os roteiros eram sempre envolventes e com uma certa "licença poética", que permitia coisas como o Príncipe Valente ter sido nomeado cavaleiro da Távola Redonda, pelo próprio Rei Arthur. E tudo isso sem um único balão, pois Foster usava apenas textos nos rodapés dos quadrinhos.

Pelo tipo de narrativa, pelo requinte gráfico e pelo preço (45 reais), esta obra é um prazer para poucos. Uma pena, pois

se mais leitores tivessem acesso a ela, conseguiriam entender por que, quando se fala de HQs, *Príncipe Valente* e Harold Foster são, respectivamente, sinônimos de "clássico" e "artista", na mais pura acepção das palavras. ■

Sidney Gusman

Foto: Divulgação

MASCARADOS, SIM... E COM ORGULHO!

Com visual estranho e som pesado, o Slipknot é um manifesto contra a melancolia do estilo de vida americano

Em 1995, nove amigos resolveram fazer uma banda de metal para matar o tédio na pequena cidade de Des Moines, no fim do mundo americano chamado Iowa. A recepção dos tradicionais habitantes locais não foi o melhor dos incentivos: por onde os jovens músicos passavam, pedras voavam, insultos eram ouvidos e a hostilidade dava o tom. A solução estava diante deles: abandonar o estilo e se dedicar à música country. Mas quem disse que lógica combina com o Slipknot? O grupo resolveu combater seus conterrâneos usando máscaras e fantasias importadas diretamente do inferno.

O anonimato caiu no gosto dos integrantes, que resolveram se batizar com números de 0 a 8. O esforço valeu a pena. A molecada americana começou a tomar gosto pelo Nu-Metal (mistura de hip-hop e metal já trabalhada pelo Faith No More há dez anos), pelas formas bizarras de ídolos como Marilyn Manson e pela melancolia do sistema americano de vida. Grupos como Korn e Limp Bizkit tinham em comum o fato de escreverem sobre a dificuldade da adolescência num país que se acha perfeito, sem entender que a ruína vem de dentro.

O Slipknot não foge dessa fórmula. Mas faz um som mais diversificado – o Korn, que pousa no Brasil em março, parece tocar a mesma música sempre – e divertido. Como? Os caipiras do inferno dizem que formaram uma família unida. Parece ser verdade. Em *Iowa*, terceiro CD da banda, a unidade parece ser a força. O vocalista Corey Taylor se sustenta com as guitarras de James Root e Mic Thompson, que, por sua vez, estão sintonizados com o programador Craig Jones. Apesar das letras bobinhas ("People = Shit" ou "I Am Hated"), os mascarados mostram, no álbum, o que poderia ser o Sepultura hoje se não tivesse parado no tempo. ■

Rodrigo Salem

Divulgação

"Crianças...!"

Freddy Krueger (*Pesadelo Final – A Morte de Freddy*, 1991)

Freddy Krueger

Esbanjando senso de humor, Freddy Krueger se tornou um ídolo dos adolescentes na década de 80. Interpretado por Robert Englund, o personagem estreou em *A Hora do Pesadelo* (1984), onde literalmente tirou o sono de Johnny Depp e Heather Langenkamp – duas de suas vítimas preferenciais naquele filme.

Ao contrário de Jason, Michael Myers e outros psicopatas famosos, Freddy só atacava em sonhos, que se tornavam perigosamente reais na tela grande. Seis filmes depois, com a fórmula da série totalmente desgastada, os produtores decidiram matar o vilão. Mas a demanda por Freddy parecia eterna: atendendo a inúmeros pedidos, o cara enrugada afiou as garras para um último round – o apenas mediano *O Novo Pesadelo: O Retorno de Freddy Krueger* (1994), que finalmente pôs fim à saga do monstrengo.

Será que veremos Freddy novamente em ação neste milênio? Melhor: alguém duvida? Até lá, bons sonhos... ■

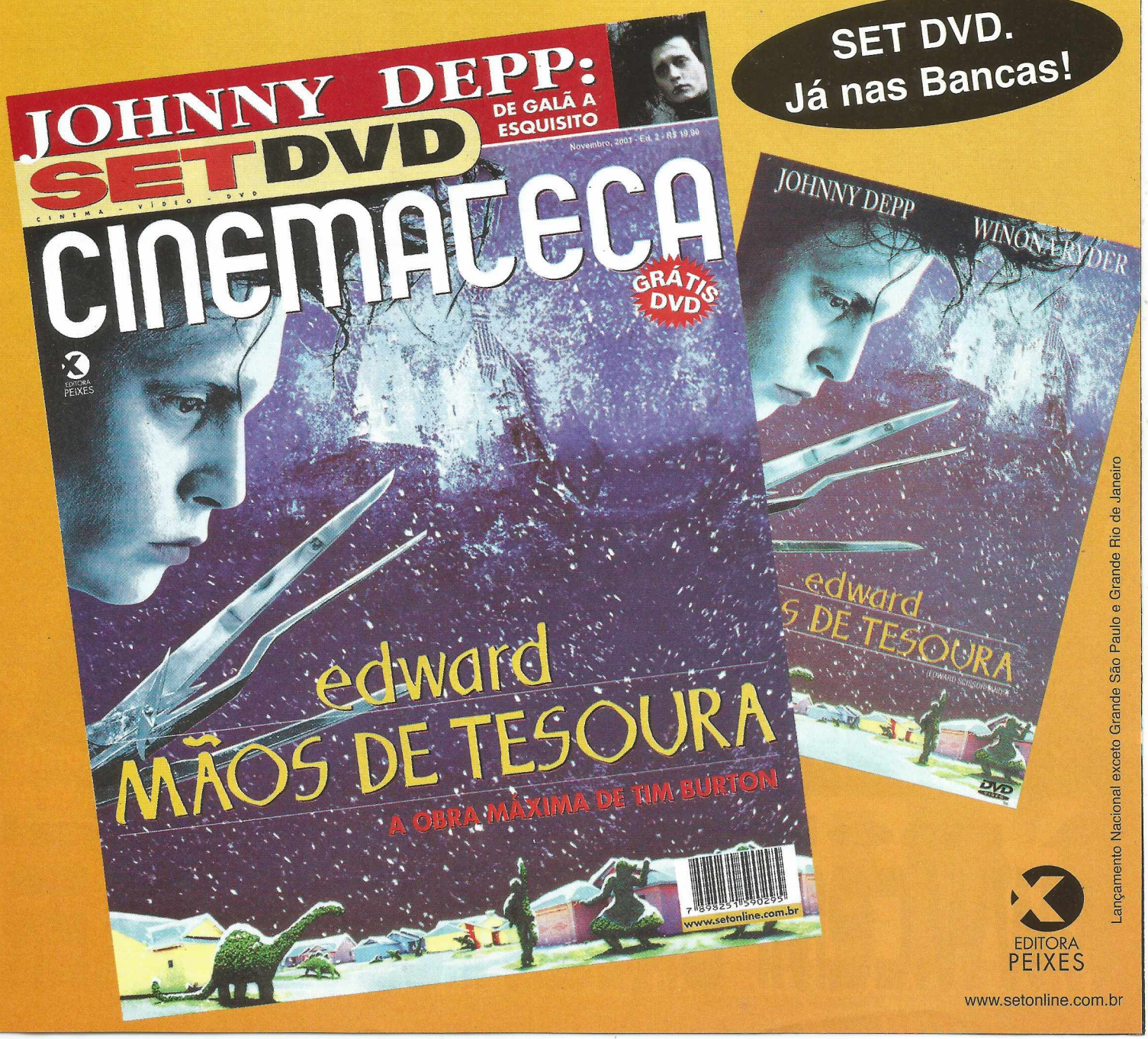
SET DVD

CINEMA - VÍDEO - DVD

sob medida

Apresenta:

EDWARD MÃOS DE TESOURA



SET DVD. Já nas Bancas!

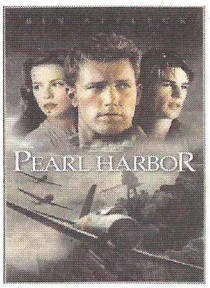
EDITORA PEIXES

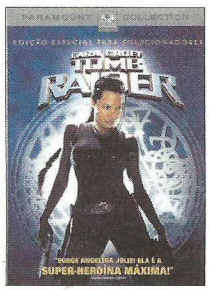
www.setonline.com.br

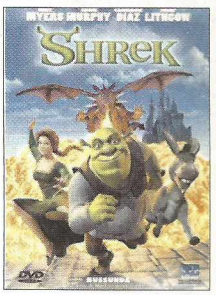
Lançamento Nacional exceto Grande São Paulo e Grande Rio de Janeiro

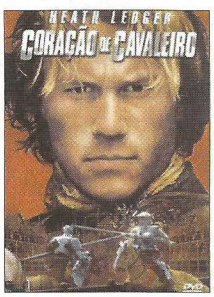
100% VIDEO®

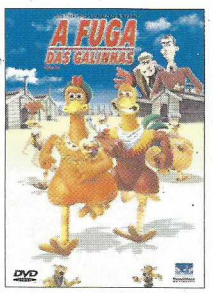
Os melhores filmes

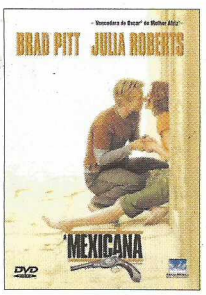


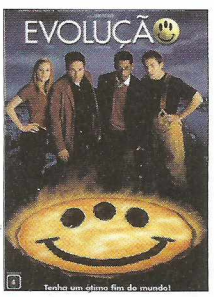


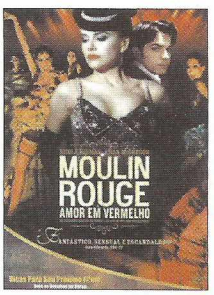


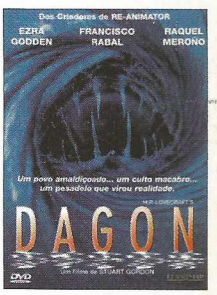






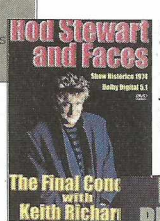




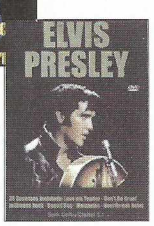


As melhores promoções

Abba R$ 31,90

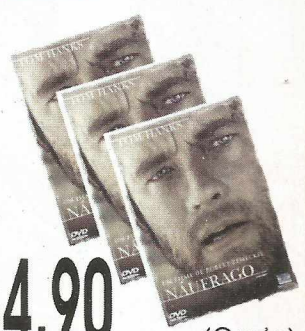


Rod Stewart R$ 14,90



Elvis Presley R$ 14,90

DVD´s novos a partir de 8,90 (Cada)



34,90 (Cada)

Imagem Filmes - Super Preço - Confira em nosso site.

A melhor loja virtual

WWW.CEMPORCENTODVD.COM.BR